

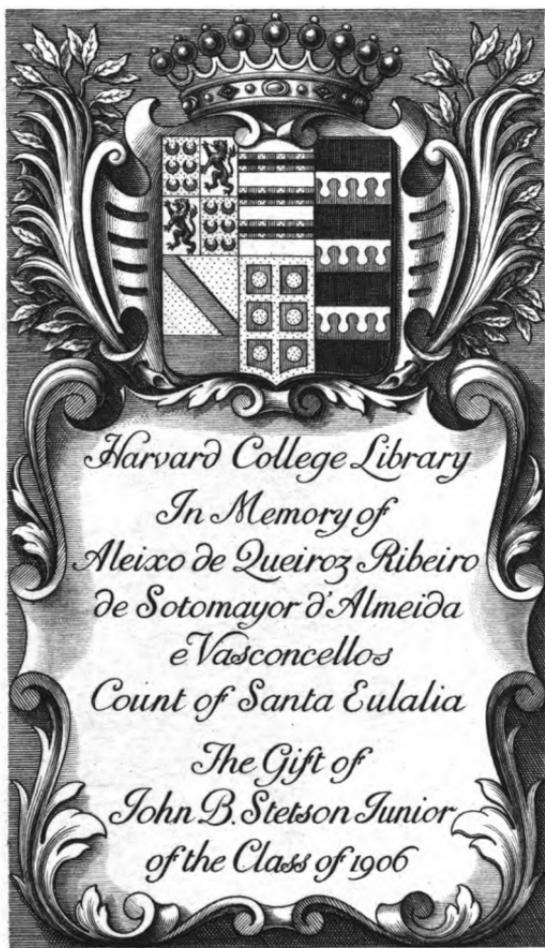
Port
6030
75

WIDENER

HN ZJ6F T



Port 6030.75.305



Cover

O AGIOTA

DRAMA EM 5 ACTOS
E PROLOGO

por

LUIZ CANDIDO C. P. FURTADO COELHO.

REPRESENTADO NO THEATRO DE D. MARIA II.

Preço 500 rs.

Vende-se na Livraria de A. M. Pereira
Rua Augusta n.º 186.

1858.

À VENDA NA LIVRARIA DE PEREIRA, RUA AUGUSTA N.º 186.

Amigos... Amigos... proverbio em um acto, por <i>Julio Cezar Machado</i> , brox. 120	Soldado (o) em dia de pret scena comica, por <i>A. C. de Sousa</i> , br. 100
Annel (o) d'Alhiança, comedia original em um acto, por <i>Julio Cezar Machado</i> , br. 120	Tribulações d'um Padeiro, scena comica, brox. 30
Conde (o) de Paragará, comedia em 2 actos por <i>Aristides Abranches</i> , br. 200	Tudo por causa do dinheiro d'um tio, comedia n'um acto por <i>João Guilherme Teixeira</i> , bi. 140
Dois (os) irmãos naturaes, drama em 2 actos por <i>J. X. P. da Silva</i> , br. 240	Theatro para rir. Collecção de peças jocosas tanto ineditas, como já applaudidas nos theatros publicos. Ha publicadas as seguintes:
Fernando ou o Juramento, drama em 3 actos e prologo, por <i>J. M. Braz Martins</i> , br. 160	N.º 1 — O Diabo a quatro n'uma hospedaria, comedia n'um acto. 100
Galucho (o) ou amor e Gloria. farça em 2 actos, br. 120	N. 2 — O Baptizado, comedia n'um acto, representada com aceitação no Theatro do Gymnasio 100
Maria, ou vinte annos depois, drama original em 2 actos por <i>J. J. da Silva</i> , br. 240	N. 3 — As Afflicções d'um Perdigoto, comedia n'um acto. 100
Manoel Mendes, farça. 60	N. 4 — As Litteratas, ou a reforma das saias, comedia n'um acto, traduzida de <i>P. de Kock</i> , e representada no Theatro da Rua dos Condes. 100
Ministro (o) Constitucional, drama em 5 actos, br. 160	N. 5 — Os Dois maridos, comedia n'um acto. 100
Nobreza por Nobreza, comedia em 3 actos, imitação por <i>Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva</i> , br. 300	N. 6 — Um dello aos beijos, comedia n'um acto. 100
Papa Jantares, farça. 80	N.B. — Esta collecção, continúa a publicar-se regularmente.
Por causa d'um algarismo, comedia em 1 acto, por <i>Luiz de Araujo Junior</i> , 2.ª edição, brox. 160	Uma intriga de Córte, comedia em 1 acto, por <i>João Guilherme Teixeira</i> , br. 140
Qual delles é mais ladrão? comedia original de costumes nacionaes em 1 acto, por <i>Eduardo Tavares</i> , br. 120	
Senhor (o) Murteira assistindo á representação e exposição das fêras, scena comica por <i>F. J. da Costa Braga</i> , br. 60	

O AGIOTA
DRAMA EM 5 ACTOS

E PROLOGO

por

LUIZ CANDIDO C. P. FURTADO COELHO.

**REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEA-
TRO DE D. MARIA II EM 30 DE SE-
TEMBRO DE 1855.**



LISBOA.

**Vende-se na Livraria de Pereira, Rua
Augusta n.º 186.**

1857.

Port 6030.75.305

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

9 DEC 1924

205-124
100

DISTRIBUIÇÃO

BERNARDO DA COSTA	Snr. <i>Roza.</i>
D. MARIA DA COSTA — sua mulher	Snr. ^a <i>Talassi.</i>
LAURA DA COSTA } seus filhos {	« <i>Soller.</i>
ROBERTO DA COSTA }	Snr. <i>Correa.</i>
CARLOS	« <i>Tasso.</i>
THIMOTHEO DA SILVA — Agiota —	Snr. <i>Theodorico.</i>
O DOUTOR SERGIO	« <i>Moreira.</i>
D. FREDERICO — Joven extravagante	« <i>Cezar.</i>
EUGENIA }	Snr. ^a <i>Gertrudes.</i>
MARGARIDA }	Snr. <i>Farruge.</i>
ANTONIO — Creado do Agiota —	

A acção passa-se em Lisboa.

O Prologo em 1843, e os 5 actos em principio de 1851.



PROLOGO = A DESPEDIDA.

Uma sala modestamente mobilada, porém com muito azeio e arranjo. Um piano — (*Antes de subir o piano ouve-se no piano parte da aria final de Lucia.*)

SCENA I.

MARIA, LAURA.

D. MARIA. (*sentada a coser*) Laura, que linda que é essa musica!

LAURA. (*sentada ao piano folheando a musica*) Mamã, é a lição que hei-de dar hoje ao meu mestre (*continua folheando a musica.*)

D. MARIA. (*com meigo riso*) Ao teu mestre! Acho-te graça quando lhe chamas o teu mestre; tu com 15 annos e elle com 17!

LAURA. (*levantando-se*) Então Carlos por ter só mais dois annos do que eu não lhe posso chamar o meu mestre? Quem me ensina senão elle? (*com ingenuidade*) E os que ensinão são mestres. Não tem a mamã visto a seriedade com que elle está durante as lições?

D. MARIA. E depois brincam como dois loucos... ás vezes chegam a faser-me bulha. — Diz-me, hoje é dia de lição?

LAURA. Não minha mamã, mas como elle faltou hontem é provavel que venha hoje supprir a sua falta.

D. MARIA. E que musica é aquella que estavas estudando?

LAURA. Estudando!!....Diga antes que musica estava eu tocando. O que já se sabe não se estuda.

D. MARIA. Pois sim tocando...

LAURA. É um motivo sobre a aria final de Lucia. É tão bonito, não é mamã?

D. MARIA. É sim (*levanta-se*) Dá-me um beijo minha filha. Roberto vem hoje mais cedo do escriptorio, não é verdade?

LAURA. Vem sim mamã, não se lembra de que amanhã é que parte o navio em que o mano Roberto vai?

D. MARIA. (*commovida*) Oh! minha filha, antes nunca me lembrára! A certeza de que em breve o hei-de ver separar-se de mim, faz-me um pêso no coração que muito me custa a soffrer!

LAURA. Mas elle ha-de voltar minha mamã, e como tenho esperança de que Deos o protegerá, resigno-me de boa vontade.

D. MARIA. Tens razão minha filha. Deos é justo e benigno, e ha-de guiar pelo caminho da felicidade aquelles que como Roberto forem humildes e bons.

LAURA. De certo assim deve ser.

D. MARIA. E por isso mesmo encontra no seio da sua familia esse doce afago de coração, nos braços de um pai, de uma mãe...

LAURA. (*continuando*) E de uma irmã que ama muito.

D. MARIA. E isto só um filho como elle pode gosar e sabe apreciar.

LAURA. Eu não sei, mamã, o que sinto aqui no coração que me diz que o mano Roberto hade ser feliz... elle, tão amigo de trabalhar, tão obediente, e pelo que algumas vezes tenho ouvido dizer ao Snr. Miguel de Sá, de todos os escreventes que tem no seu escriptorio, é o que se tornou mais merecedor da sua estima.

D. MARIA. Tudo isso minha filha me ajuda a ter animo

para viver resignada durante a sua ausencia ; tu bem sabes quanto eu o amo !

LAURA. (*como offendida*) Sei, por que conheço tambem quanto a mamã é minha amiga, e como Roberto é meu irmão, devo-o estimar a elle como a mim....

D. MARIA. E' verdade Laura ; tanto a um como a outro tenho esse amor de mãe, que só ellas o podem sentir.... e que outro não ha no mundo que o exceda!... mas tu ficas ao pé de mim Laura, e Roberto... esse vai para longe da caza paterna, aonde não-me terá a mim para o apertar contra o meu coração... um pai para lhe dar a benção de todos os dias, e uma irmã, sua unica companheira de infancia!... E então minha filha, deixa que neste momento eu me lembre mais vezes delle, porque depois, as caricias que dividia por ambos serão só para ti... para ti só minha Laura.... e ser ciosa neste cazo é ser egoista.

LAURA. Não minha mamã, eu bem sei quanto pesar lhe desperta a ausencia de Roberto, e pelo contrario, longe de ser egoista, peza-me não ter a certeza de que as lagrimas que eu vejo correr de seus olhos... que as orações que eu lhe tenho ouvido resar, importam a felicidade de Roberto, por que me custaria menos vê-la soffrer. E se eu conhecesse que a ventura de meu irmão dependia do maior amôr ainda da parte da mamã, eu de boa vontade soffreria o ser menos querida, para elle ser mais afortunado.

D. MARIA. (*com ternura*) Oh! minha filha... minha querida Laura... tu és um anjo; as tuas palavras fazem-me bem... ouvindo-te tenho mais coragem para ver fugir-me dos braços o meu querido filho.

LAURA. Elle não pode tardar ; disse que vinha ás duas horas, e são quasi.

— 7 —

SCENA II.

MARIA, CARLOS, LAURA

LAURA. (*vendo entrar Carlos*) Ah! ainda bem que chegou!

CARLOS. Bons dias Snr.^a D. Maria.

D. MARIA. (*com amizade*) Bons dias Carlos.

LAURA. Seja muito bem apparecido Snr. meu mestre.

CARLOS. Como está minha discipula?

LAURA. Estou muito zangada comsigo. Assim se falta ás lições? Por que não veio hontem?

CARLOS. Peço perdão da minha falta.

LAURA. Porem eu é que não lhe perdôo, sem dizer qual foi o motivo.... e se não diz depressa é por que está arranjando alguma desculpa falsa.

CARLOS. Longe de mim sentelhante idea menina Laura. Se faltei, foi por acompanhar Roberto. Fômos umas poucas de vezes á Alfandega.... ao Governo Civil por cauza do Passaporte, fômos tres vezes a bordo — e na verdade eu não podia recusar-me a acompanhar Roberto, no ultimo dia de sua estada em Lisboa — Roberto que é o meu maior amigo bem o sabem.

LAURA. Está bem, agora vejo que merece toda a desculpa e faria mesmo muito mal se não tivesse praticado desse modo.

D. MARIA. Carlos, accredite que grande parte da affeição que lhe tenho provem da amizade que consagra a meu filho.... ao meu pobre filho que nos vai deixar, e Deos sabe por quanto tempo!

CARLOS. Eu jamais duvidei da sua affeição para comigo Snr.^a D. Maria.... tenho sido seu filho, e a minha gratidão será eterna!.... Em quanto a Roberto — se elle vai para longe de seus braços, ainda aqui fica mais

de uma pessoa que lhe tem verdadeira e sincera amizade.

D. MARIA. (*commovida*) Bem o sei Carlos.

10
CARLOS. (*continuando*) E que lhe hão-de mitigar as espinhosas dores da saudade — seus filhos amam-n'a como filhos nenhuns são capazes de amar sua mãe. O Snr. Bernardo tem neste mundo uma riqueza que elle preza mais do que a vida, que para elle é um thesouro mais precioso que todos os thesouros da terra — sua esposa e seus filhos — E ainda há mais alguém Snr. D. Maria que a ama ardentemente, e cuja maior satisfação é a certeza de que lhe deve tambem muito amor! Eu — lançado neste mundo, sem pai — sem mãe — talvez engeitado, encontrei no seu coração o que me foi negado por aquelles mesmos que me deram o ser!.. A Snr.^a D. Maria estendeu-me os seus braços creou-me com mesmo carinho com que creou seus proprios filhos — oh! mas eu sou-lhe grato porque tambem a amo como filho — e ainda que não tenho um nome de familia, os meus sentimentos são todos nobres! sabem como eu, que Eduardo é o meu verdadeiro nome, por que no pescoço me deixaram uma fita vermelha com esse nome escripto.... mas por isso que não conheço meus pais não quero uzar d'elle, e adoptei o de Carlos.

LAURA. (*interrompendo-o*) Mas para que falla assim?

CARLOS (*continuando bastante commovido*) Porque se me perguntarem « Quem és tu? » não poderei dizer o meu nome por que o não tenho... não direi quem são meus pais porque os não conheço..... nem sei meu Deus se é minha patria esta patria em que vivo!

LAURA. Mas pode dizer — « sou um mancebo cheio de brio e honra — preso o bem com a mesma força com que detesto o mal, por que sempre cri nesse mesmo

10 Dees!.... e o pão de cada dia ganho-o com o meu trabalho.

CARLOS. (*á parte*) Que anjo! (*alto*) Menina Laura sinto no coração quanto acaba de me dizer. Ao ouvi-la o meu peito trasbordava de alegria!... Não conheço aquelles que me deram o ser — mas tenho outros pais que mais me não presariam os proprios, e tenho tambem uma irmã...tenho Laura, cu a pureza e innocencia seria uma offensa quèrê-las significar com palavras... tenho-a a ella que é minha irmã, assim como sua mãe me chama seu filho! Sou feliz porque aquelles que eu mais preso neste mundo só me dirigem palavras de consolação e amizade.... que eu tanto mais quero, quanto sei que veem do fundo d'alma!

D. MARIA. Assim o deve acreditar, Carlos, e como acabou de dizer tambem eu digo «sou feliz» — todos me amam com uma cega dedicação que me obriga a repêtir e a dizer muitas vezes comigo mesmo como agora disse — sou feliz!

SCENA III.

Os mesmos, BERNARDO.

BERNARDO. (*entrando*) Quanto me alegro minha querida Maria de te ouvir dizer que és feliz — Isso obriga-me a dizer tambem que o sou. — Laura, um beijo (*beija-a*) Carlos meu amigo, meu bom amigo (*apertam as mãos*) Hoje para estar mais algum tempo em companhia de nosso filho Roberto sahi mais cedo da Repartição — desejo aproveitar os poucos momentos que ainda o teremos em nossa companhia até amanhã que sahe o navio

D. MARIA (*com voz concentrada*) Oh! não sei como

poderei soffrer a separação do meu querido filho!
BERNARDO. Maria, no ceo está um Deos protector, e elle é que hade olhar por nosso filho.

CARLOS. Diz bem Sr. Bernardo, não sei que suave praser ha em amar a Deos, em o elegermos sempre nosso protector, que quando a oração sahe do peito ninguem é mais prompto em nos ouvir do que elle que nos recompensa a nossa devoção com a paz e socego d'espírito.... revelando-nos deste modo a certeza de que sômos ouvidos e protegidos!

BERNARDO. (*á parte*) Tão joven, e tão cheio de religião!
(alto) meu querido Carlos gosto de te ouvir fallar assim — amigo como és de meu filho, das-me com isso a certeza de que elle é tão bom como tu. A amizade que te têmos bem a conheces, e nas tuas horas de tristeza... porque apezar de teres deseseis annos pensas com uma rasão que não é propria da tua idade — a sorte comtigo foi bastante adversa roubando-te o nome de teas pais... e então estou certo que terás alguns momentos de tristeza — nessas occasiões procura-nos faz-nos saber o teu pesar, e nas nossas palavras encontrarás uma consolação.

CARLOS. Sr. Bernardo, o meu coração diz-me que o devo accreditar — e não sei aonde melher encontraria um lenitivo á dôr, do que no centro da sua familia que me ensinou os meios de que todo o homem deve uzar para ser bem quisto na sociedade....

BERNARDO. Obrigado Carlos — a tua gratidão paganos demais esse pouco bem que te havemos feito.

SCENA IV.

Os mesmos, **ROBERTO.**

ROBERTO. (*entrando*) Bons dias meu pai, eis-me aqui

minha querida mãe.... Laura, e meu bom Carlos. Não me foi possível largar o escriptorio mais cedo, porem agora d'aquí só sahirei para bordo.

D. MARIA. Meu filho, prouvera a Deos que este dia de hoje fôsse muito mais longo que os outros.... que não acabasse...

BERNARDO. Maria, o tempo passa veloz, e n'um abrir e fechar d'olhos teremos nosso filho de volta (*Carlos e Laura fallam a sós*)

D. MARIA. Esse abrir e fechar d'olhos é que eu têmo seja muito extenso.

ROBERTO. Não o ha-de ser minha mãe prometto-lhe não me demorar muitos annos. Escrever-lhe-hei em todas as occasiões que se me offerecerem, e deste modo terá continuamente boas noticias minhas.

D. MARIA. E assim affirmas que hão-de ser boas?

BERNARDO. E porque não? Roberto é forte, saude não lhe falta... e então por que não hão-de ser boas as noticias que tivermos d'elle?

ROBERTO. Minha mãe confie n'aquellas palavras.

D. MARIA. Deos te ouça!

BERNARDO. Maria — Laura — meu Carlos.... deixai-me por um momento a sós com Roberto. .. quero fallar com elle. (*sahem pela porta lateral*).

SCENA V.

BERNARDO ROBERTO.

BERNARDO. Sentêmos-nos meu filho. Ainda que o que tenho a dizer-te, em poucas palavras o farei, comtudo merece que lhe dês attenção (*sentam-se*).

ROBERTO. Falle meu pai, que eu prestarei como é meu dever a attenção que a um filho pedem as palavras de seu pai.

BERNARDO. Roberto, amanhã deixas de dormir debaixo do mesmo tecto que te vio nascer, e alguns annos tocarão o seu derradeiro dia sem que a elle tornes....

ROBERTO. Levado não só do que meu pai me disse quando lhe fiz saber a minha resolução, mas por ter alguma confiança no futuro, é que eu parto—que bem deve suppôr quanto me será penoso ir para longe dos meus unicos e verdadeiros amigos e protectores....

BERNARDO. Nem eu podia deixar de convir contigo. Quem fallou ao teu patrão o Snr. Miguel de Sá, fui eu.

ROBERTO. Que! ... pois foi meu pai....

BERNARDO. (*interrompendo-o*) Sim fui eu, e a razão eu t'a digo. (*pausa*) Nasci em 1791, estamos em 1843 tenho pois 52 annos; ainda que sou dotado de muita energia moral, fracas e bem fracas são as minhas forças fisicas.... e por querer fazer das fraquezas forças—de querer occultar debaixo de um parecer tranquillo.... e quasi risonho as minhas dores moraes, é que eu conheço algumas pessoas mais velhas do que eu na idade... mas mais novas em tudo o mais. Pelo que vou dizer-te me comprehenderás melhor:—Sirvo a minha patria ha trinta annos--- conto seis de serviços militares, cinco de prisão, e perto de vinte de empregado civil — os seis annos de serviços militares juntos aos cinco de prisão foram a origem de todos os meus padecimentos.

ROBERTO. Essa prisão foi por força injusta meu Pai....

BERNARDO. (*com um sorriso contrafeito*) Ah! ah! meu Roberto.... prendêram-me por que eu não era affeicoadado ao governo d'aquelles tempos.... foi uma prisão politica como elles lhe chamam. E nesses serviços militares, nesses annos de calabouço, na pestifera atmosfera que respirei no mais fundo das masmoras, que devia eu colher?

ROBERTO. Um justo e inquestionavel direito a uma devida recompensa.

BERNARDO. (*com dor*) Só pude haver o esquecimento d'aquelles a quem servi, e o soffrimento de graves molestias, sobre tudo esta gôta que me tortura, e que tarde ou cedo me hade matar (*Pausa — Roberto parece soffrer*) Fui sempre fiel aos meus deveres — obedeci sempre tanto no civil como no militar ao chefe que a lei m'impunha — a maneira por que tenho servido consta de alguns documentos que possuo e me dão honra — levei uma balla neste braço...

ROBERTO. Ferido!...

BERNARDO. (*continuando*) Sim neste braço, e sabes Roberto o que tenho eu hoje para sustentar uma familia? sabes que generosa recompensa essa patria tem dado aos meus serviços?... — Parece uma irrisão!... dão-me deoito mil reis em cada mez... e doente como sou, se os quizer continuar a ter, hoi de trabalhar seis horas em cada dia, por que nem sequer existe uma lei de reforma que me concêda o viver socegado no seio de minha familia, os poucos annos que me restam! — Já vês pois meu filho de que servem os serviços nesta nossa terra!

ROBERTO. Oh! meu Pai... e é assim que se galardoadam trinta annos de trabalhos, e fadigas?!... mas eu bem sei porque... por que nunca nesse peito pulsou o seu coração que não fosse impellido por um sentimento de honra, porque...

BERNARDO. (*interrompendo-o*) Basta Roberto — quisêra ouvir-te fallar assim para me convencer de que presas mais a honra do que o interesse — porem atende-me — desde muito joven comecei a servir... meus pais eram pobres e honrados e dessa riqueza fui eu seu herdeiro — sou pobre! e a consciencia

não me accusa de que eu jamais houvesse commetido uma má acção!... entregue a mim mesmo por que orfão já de minha mãe perdi meu pai aos vinte e um annos, achei-me só — sem protecção!... Humilde e respeitoso, porem nunca servil e adulator apenas achei um homem que quiz proteger-me, por que, cousa rara! — sendo rico éra tão humilde, como eu — foi o pai do Snr. Miguel de Sá teu patrão — Com a morte de meu Pai entrei na posse do seu logar, cujo ordenado éra maior do que o que hoje recebo....

ROBERTO. Como maior?!..

BERNARDO. Sim maior, admira-te com razão — cousas da nossa terra!

ROBERTO. Quem o accreditaria!

BERNARDO. Ainda mais Roberto — que futuro vejo eu hoje diante dos meus olhos? Entre as palmas que hão-de cingir a minha fronte de martyr, antevejo uma a mais gloriosa — a miseria e a fome que hei de legar a minha mulher e a meus filhos, em attenção ao sangue que derramei pela patria, e aos annos que consumi no seu serviço!

ROBERTO. Oh! descance meu pai — eu vou a um paiz estrangeiro — encontrarei quem melhor recompense e meu trabalho, e a minha diligencia — e Deos ainda lhe ha-de dar muitos annos de vida para ver regressar seu filho. . . .

BERNARDO. Sim Roberto, tenho essa esperanza, e o céo não m'a roubará por que é com os olhos nelle que a sinto reviver mais. — Mas como te dizia, por esta experiencia propria é que eu não quiz que aos sessenta annos tivesses a mesma sorte do que eu. . . Se te não fiz estudar n'uma Universidade, foi não só

ROBERTO. Oh! meu pai como eu gosto de lhe ouvir dizer isso!

BERNARDO. E jamais o devêras ouvir! (*com dôr*) depois de haver servido a minha nação por espaço de 40 annos, não tenho o necessario para educar um filho!

ROBERTO. Que remedio meu Pai?

BERNARDO. Que remedio! nenhum — tens razão Roberto. Eis pois os motivos por que eu pedi ao teu Patrão o que sabes — Elle com a sua natural bondade disse-me immediatamente que sim — o resto tambem o sabes.

ROBERTO. Sei meu pai. O Snr. Miguel de Sá entregou-me tres cartas de recommendação, e manda-me como guarda livros de uma das melhores cazas de commercio do Rio de Janeiro de que elle é correspondente.

BERNARDO. Agora meu filho, mais duas palavras. Hoje os ordenados são pagos regularmente, e se não disponho dos meios necessarios para passar com a commodidade que os meus annos exigem, tenho uma esposa que me estima do coração, e dois bons filhos que são a minha alegria, e que em grande parte suavizam as minhas horas amargas. . . . como vaes ser senhor de ti, podes vir a cazar, e então para gosares essa doce placidez de espirito que eu gozo ao pé de uma esposa e de filhos tão caros, sê, como eu tenho sido sempre, bom chefe de familia (*Maria entra por onde sahira acompanhada de Laura* —) E que inefavel praser não é o meu quando algumas vezes ouço dizer a minha mulher como ainda agora — sou feliz!

por falta de recursos, mas por me servir de muito o que tu ganhavas.

SCENA VI.

Os mesmos, MARIA, LAURA.

MARIA. (*Pondo as mãos nos hombros de Roberto*) E ainda o repetiria se não fosse a magoa que sinto com a tua partida Roberto. (*Roberto e Bernardo levantam-se*).

ROBERTO. Minha querida mãe, eu espero muito do futuro, e assim peço-lhe que se resigne — meu Pai — minha irmã e Carlos saberão tornar-lhe menos custosa a minha separação.

LAURA. (*abraçando sua mãe*) Oh! sim minha querida mãe — Roberto advinhou os impulsos do meu coração — eu hei-de ama-la por mim e por elle (*Maria dá mostras e aflicção e ao mesmo tempo de praser.*)

BERNARDO Socega Maria, um tão bom filho não deve Deos querer que seja repellido pela fortuna.

MARIA. (*muito commovida*) Meus filhos!!

LAURA. (*cahindo de joelhos levantando as mãos ao céo*) Protegei-o meu Deos!



ACTO PRIMEIRO = A MISERIA.

Uma casa pobre — uma mèsã com o necessario para escrever. Porta ao fundo e lateraes.

SCENA 1.

BERNARDO SÓ (*Tem o parecer bastante envelhecido — e vê-se que soffre. — Está sentado, n'uma cadeira de braços ao pé da mesa — sobre a qual está uma bengala*).

Ha 5 dias que esta perna não consente que eu saia de casa... porém hoje eslou melhor, e já poderei talvez ir amanhã até á Repartição. (*pausa*) Que vida santa Deos, que amarga vida tem sido a minha nestes ultimos annos!... Estou velho, estou decrepito, e cada vez o dia de amanhã se me apresenta mais medonho de martyrio e dôr! E não tenho succumbido!.. E ainda vivo!.. Meu Deos se aos vossos olhos eu sou culpado de algum crime, perdoai-me!.. que o vosso perdão venha envolto nas sombras da morte!.. (*outro tom*) Mas que!.. eu não sou culpado... jamais fui criminoso!.. Se depois de uma vida de trabalhos encontro a penuria e a fome, é dos homens que me devo queixar... é sim dos homens que abandonam ao desamparo um pobre velho... já sem alento... a desfinhar-se de hora para hora, sem que um só raio de esperança venha afastar-lhe diante dos olhos esse véo negro, que encobre um futuro ainda mais negro!

Maria... a minha boa Maria tão cheia de resignação e de fé, não teve forças para encarar a miséria que a cada momento via crescer a passos largos, e ha dois mezes que jaz meia viva, meia morta n'um leito de dor e amargura!... E a sua enfermidade não tem remedio, por que é no coração que ella padece mais, que ella sente bem agudas cravarem-se-lhe as dores horriveis da desesperação!... Pergunta-me todos os dias se ainda me resta com que comprar um pão para o dia de amanhã!.. por que ella sabe que a sua enfermidade nos consome a maior parte dos mesquinhos haveres... oh! mas para ella todo o sacrificio!.. que não me importa que estas cans se descubram á irrisão publica para ir pedir uma esmola no meio das praças e que não tardará muito!... *(pausa)* Meu filho... aquelle pobre Roberfo, ha mais de um anno que não sei d'elle — a estas horas estará morto!.. foi de todos o menos desgraçado! Faz agora sete annos que elle partio... tenho bem presente aquelle dia em que me despedi d'elle; a esperança do seu futuro de felicidade estava-me arraigada aqui no peito, como está a crença em Deos... e comtudo enganei-me!... Porém não foi elle só o querido da desgraça!.. então lamentava eu não ter com que educar um filho... hoje são passados mais sete annos e essa patria cada vez mais surda, bem longe de impedir que aquellas palavras se tornassem a proferir... disse: *(levanta-se pouco a pouco como dominada de cólera)* Que importam os teus annos de dedicação por mim? Qu'importa essa fronte encanecida no meu serviço?!.. Não só não educaste teu filho... mas has-de morrer de fome... has-de deixar tua mulher e tua filha mendigando um pedaço de pão negro! Oh! meu Deos se a patria me tem sido ingrata valei-me vós! *(cahe sem forças sobre a cadeira e cobre o rosto com as mãos)*.

SCENA II.

BERNARDO, LAURA

LAURA. (*entra pela porta do lado direito da scena que conduz ao quarto de Maria, e chega-se ao pé de seu pai*) Meu pai! (*á parte*) Talvez agora soffra mais.

BERNARDO. (*levantando o rosto*) Quem me chama?.. (*vendo Laura — sorri*) Ah! és tu Laura — minha filha!

LAURA. Meu pai, vai melhor? A sua perna mortifica-o menos?

BERNARDO. Menos alguma cousa — e quando tu estás ao pé de mim esquece-me tudo o que tenho soffrido, e não estremeço á lembrança do que posso soffrer ainda...

LAURA. (*á parte*) Mal sabe elle! (*alto*) Meu pai, junto de si sou feliz — e que mais pode querer uma filha além do amor de seu pai?

BERNARDO. (*á parte*) Que santa resignação! (*alto*) Diz-me minha Laura tua mãe, está agora mais socegada?

LAURA. Socegou alguma cousa, depois que tomou o remedio que hontem Carlos foi buscar.

BERNARDO. Carlos! generoso manebo! — tambem lhe devo os cuidados que tem tido comigo — tem sido um verdadeiro filho! ... Como é grato a esse bem, que lhe fizemos! Tudo quanto lhe sobra do que necessita para se manter, da-m'o por que elle diz que me pertence, e eu aceito-lh'o! — Deos lhe recompense o bem que me tem feito — que eu por mim apenas posso ama-lo, como meu filho, e meu unico amigo! — Minha Laura eu sinto-me melhor — já poderei ir até ao quarto de Maria sem a ajuda do teu braço.

LAURA. Meu pai quer ir até lá?

BERNARDO. Sim — quero vê-la — quero estar algumas horas com ella ... sei que soffre menos quando

me tem ao pé de si (*pega na bengala e levanta-se*).

LAURA. Veja meu pai se precisa do meu braço...

BERNARDO. Não preciso — obrigado (*andando acompanhado de Laura*) Estou melhor — estou quasi bom. (*Laura acompanha-o até á porta da-direita e fica um momento a olhar para dentro — depois volta para a scena*).

SCENA III.

LAURA só.

Meu pobre pai ! quanto elle tem soffrido e minha mãe ! ... Meu Deos sêde misericordioso com elles — estendei-lhes a vossa mão ! Se as minhas orações chegam até á vossa celeste morada — revelai-m'o para que eu possa torna-las, se é possível, ainda mais ardentes ! Tanto soffrer — tanto soffrer e sem fim (*como desesperada*) Jesus ! por que não hão de pagar a meu pai os seus ordenados — a elle que muitas vezes chega a ir doente para a Repartição ! .. (*chora*) Oh ! meu Deos, que tinha que eu soffresse, que importava isso ? Elles é que eu não posso ver padecer tanto ! . . Ir pedir esmola... Tenho medo ! ... Disê-lo a Carlos... oh ! isso nunca ! ... (*como impellida por uma subita lembrança*) Ah ! .. sim .. o Snr. Thimotheo da Silva... esse nosso bom amigo que troca os recibos de meu pai ... elle que é tão bom que nos dá dinheiro sobre esses papeis, que se não pagam ... a incerteza se Margarida virá trazer-me o producto d'algum trabalho meu... Sim ... vou escrever-lhe ... elle é tão bom que de certo se não recusará (*senta-se e escreve dictando*) « Ill.^{mo} Sr. Thimotheo da Silva — Minha mãe não vai melhor... »

SCENA IV.

LAURA, CARLOS.

CARLOS. (*Neste momento entra pelo fundo, colloca o chapéo sobre uma cadeira, e caminha para Laura — Trax o rosto palido e encovado, e marcha vagaroso*).

LAURA. (*vendo-o sobresalta-se, e exclama a meia voz*) Carlos! (*Esconde a carta debaixo d'outros papeis e levanta-se*)

CARLOS. Escrevias uma carta Laura!

LAURA. (*vacillando*) Eu! ... não Carlos!

CARLOS. (*comsigo mesmo*) Será possível meu Deos! (*fica pensativo*)

LAURA. (*á parte*) Que diz elle! .. oh! mas descubrir-lhe toda a verdade isso nunca! .. basta o que elle tem soffrido... antes me júlque culpada... Deos sabe que o não sou!

CARLOS. (*como acordando de um sonho e pegando nas mãos de Laura*) Laura sê franca commigo... Tu bem sabes quanto essa reserva me deve fazer soffrer... a mim Laura mais do que a ninguem!

LAURA. E tambem sei que é impossivel duidares um momento de mim...

CARLOS. Porem quando se ama, como eu te amo...

LAURA. Jamais se é trahido. — Carlos deixai-me um momento só. (*Carlos agita-se*) Ide até aoquarto da minha mãl... lá encontrareis meu pai.

CARLOS. (*suffocado*) Um segredo Laura! .. um segredo para mim...

LAURA. (*solemne*) Deos o sabe! .. (*Carlos modifica o gesto*) Vai Carlos — volta daqui a um momento (*bastante agitada pela commoção*) e tem fé nas minhas palavras! Carlos sáhe)

SCENA V.

LAURA SÓ

(*Cahindo sobre a cadeira em que estava sentada, como extenuada de forças*) Faltava mais este golpe!.. Pedir-lhe a elle que me deixe só!.... Força meu Deos.... tão sómente para soffrer e não vos pedirei mais!.... (*Pausa*) Quem teria animo de revellar-lhe a verdade?... Que mais poderia elle fazer que coubesse em forças humanas?... E para que descobrir o fundo do quadro a quem, sentindo-lhe todo o horrór mais lhe não pode alliviar a negrura!.. Oh! sim.... fiz bem (*Continuando a escrever a carta dictando*) » Minha mãe não vai melhor; as despesas com a sua doença augmentam.... e neste momento não tenho um real para dar amanhã que comer a meu Pai.— Peço-lhe encarecidamente que me mande algum dinheiro que descontará no fim do mez — Laura da Costa — » (*dobra a carta e levanta-se*) Vou já mandar-lha (*sahe pela porta do l do, esquerdo e logo depois entra — Neste curto intervallo ouve-se bater na porta do fundo*) No centro da adversidade difficilmente se encontra um estranho com sentimentos generosos — mas o Snr. Thimoteo da Silva parece fazer-nos bem de todo o seu coração (*B tem outra vez na porta do fundo ouvindo-se dizer — Dá licença?*)

SCENA VI.

LAURA, MARGARIDA (*depois*).

LAURA. Quem será? (*abre a porta do fundo, entra Margarida*) Ah! é vocemecê Snr.* Margarida entre e seja bem vinda.

MARGARIDA Bons dias minha Senhora... a Sr.^a
D. Maria vai melhor?

LAURA. Um pouco melhor.

MARGARIDA (*fictando Laura*) Meu Deus!... que cara tão triste que a menina tem hoje! — Ah! anda grande desgosto.

LAURA. Ainda o Juvida Sr.^a Margarida?

MARGARIDA. Bem me queria a mim parecer; porém deixe-se de contos — A vida não se leva assim, e a menina é que tem a culpa.

LAURA. A culpa eu!

MARGARIDA. Sim, sim é a menina que tem a culpa — naturalmente não o vio hoje?

LAURA (*admirada*) Não vi hoje... quem?

MARGARIDA. Ora quem? é preciso que eu lh'o diga.

LAURA. (*á parte*) Não a entendo.

MARGARIDA. O seu namorado.

LAURA Que diz vocemecê?! então é de semelhante modo que encara a minha tristeza?... Não se lembra que o maior prazer para o coração de uma filha é a ventura de seus pais, e eu tenho minha mãe n'um leito de dôr e meu pai acabrunhado ao peso dos mais negros soffrimentos! — Não sabe também que um dos meios mais valiosos que pode de algum modo minorar tanto soffrer, é o dinheiro, e nós somos pobres!... tão pobres... A Senhora não tem pai nem mãe?

MARGARIDA. Nunca os conheci.

LAURA (*fica admirada*) Por isso falla assim — Oh! que pode neste mundo haver de mais cheio de angustia do que a dôr que me ralla o peito? Que fraços não são todos os martyrios em face do que soffre uma filha a quem apenas restam lagrimas em vez de sorrisos! Nunca teve ninguem que lhe chamasse sua filha, nunca recebeu a benção de um pai... então l-

mente e respeite o que não pode comprehender!

MARGARIDA. Porem minha boa menina, diga-me uma cousa — Se não fosse muito difficil — se dependesse — supponhamos — só da sua vontade que esta pobreza se transformasse em luxo, que a miseria cedesse aqui o logar á opulencia, seus pais não soffreriam menos?

LAURA. Se soffriam menos, não posso eu saber, porem o que eu sei é que o que eu peço, peço-o só a Deos porque só elle o pode dar, um linitivo ao soffrer d'aquelles martyres, e os meios apenas sufficientes para estarmos a coberto da fome. — O luxo — a opulencia não a peço, nem a quero porque não é Deos que a dá. — Não!... as grandezas e o fasto não veem do Céu — são falsas flores cá da terra, e sobre a terra murcham. — Se eu vivêra no meio da opulencia creio bem que procuraria dar a quem carecesse o que me fosse desnecessario — assim me diz o coração.

MARGARIDA. E seu pai?...

LAURA. Meu pai faria o mesmo.

MARGARIDA. Isso é um engano, e como ha pouco acabei de dizer...

LAURA (*interrompendo-a*). Olhe Snr.^a Margarida, se tem alguma resposta a dar-me da minha costureira dar-m'a.

MARGARIDA. Ora eis ali minha menina, aonde eu não queria chegar (*Pausa. — Laura sobressalta-se*) O dono das camisas disse-me que só no fim do mez... (*Laura empalidece*) poderia dar-me dinheiro.

LAURA (*desorientada*) Como Snr.^a Margarida!... não recebeu nada... mesmo nada?... (*olha para Margarida — esta encolhe os hombros — Laura torce as mãos desesperada*) Oh! meu Deos!.. que hei-de eu fazer?...

MARGARIDA. Lembra-se do que eu disse — o remédio está na sua mão.

LAURA (*como desvairada*) Na minha mão! ... E meus pais não sofrerão mais?... eu pouco importa!... diga... diga Sr.^a Margarida... é preciso que eu dê a minha vida?... É só isso?... (*pegando-lhe nas mãos*) Vocemecê não sabe que debaixo deste lecto morre-se quasi á fome?... Nunca vio meu pai...

MARGARIDA: (*com hipocrisia*) Não me affija minha boa menina... olhe... (*dando-lhe uma bolsa cheia de ouro*) Aqui tem este dinheiro.

LAURA (*Pegando na bolsa*) O que!... todo este dinheiro... mas ha pouco disse-me que... (*Carlos apparece na porta por onde saíra e escuta*

MARGARIDA Aceite, e não indague os motivos..

LAURA (*interrompendo-a e dando-lhe a bolsa*) Não accito.

MARGARIDA (*pegando na bolsa*) Então deixa seu pai morrer á fome quando estava na sua mão salva-lo (*vai a sair*)

LAURA (*desesperada consigo mesma*) Meu pai.. meu pai!... (*voltando-se com resolução*) Sr.^a Margarida... o dinheiro!.. dê-me esse dinheiro!.. (*avança para Margarida — Margarida para Laura — Carlos põe-se no meio das duas — Laura encara com elle, dá um grito de terror*) Ah!... (*e cahe desmaiada nos braços de Carlos — Margarida fica estupefacta, Carlos faz sentar Laura na cadeira — Contempla-a — Har monias na Orchestra — Um momento depois Carlos para Margarida.*)

SCENA VII.

CARLOS, LAURA, MARGARIDA

CARLOS. (*Para Margarida*) A que vieses aqui mu-

Iber vendal e prostituida?... Quem vos deu esse ouro?... Para que o offerecieis a uma donzella?... Era para livrar seu pai da fome, ou para cavar a sepultura a seu pai?... era para que o sorriso da ventura lhe assomas-se aos labios, ou para que a nodoa da deshonra lhe manchasse o rosto?... Viestes aqui para trazer o luxo e a opulecçia, ou para escarnecer e insultar a triste mansão da miseria?... Matastes-la talvez!... Ide-vos embora... e depois lá fóra puchai os cabellos porque não pudeste chegar fim do vosso infernal intento... mas ide-vos, esquecei-vos para sempre deste logar!.... (Margarida não se move — Carlos pega-lhe em um braço raivoso, impele-a para fóra) Ide-vos mulher!.... (Margarida faz um gesto de desprezo e sahe).

SCENA VIII.

LAURA e CARLOS.

CARLOS. Laura! (*Laura levanta a cabeça e chora*) Chora.. chora anjo da minha vida, que o choro nas tuas faces é bello — é como o orvalho do Céu regando uma flor da terra... é o balsamo da pureza que Deus entrega em corações só como o teu! (*Laura fita-o*) Laura!

LAURA. (*com voz fraca porem reanimada*) ouvis-te tudo Carlos!

CARLOS... E que tem que eu ouvisse?... Por que motivo Laura, tu e teu pai me tem querido occultar parte da sua desgraça?... Não tenho eu sido sempre seu filho?... Não serei capaz de occupar o logar que Roberto deixou?! ...

LAURA. (*levantando-se afflicta*) Oh! és sim, mas calla-te Carlos, não falles desse modo... — Se meu pai te não tem feito saber toda a sua miseria é por que

eu lh'è impedi, ... por que te não queria affligir ainda mais.

CARLOS. Por que me não querias affligir? .. Como és boa Laura? .. Mas diz-me que mais me poderão affligir do que deixando de ser francos commigo?

LAURA. Téns razão Carlos — mas eu fazia-o innocentemente, e meu pai por que cedia aos meus rogos.

CARLOS. As tuas palavras consolam-me! .. Porém tu devias saber que hoje deixares de fazer de mim o confidente do teu coração, éra tirar-me a maior parte do interesse que eu possa ter pela vida ... assim como se tu me faltasses ... a minha existencia tornar-se-hia impossível um só momento mais! .. Essa amizade doce e ingenua que desde a infancia nos attrahia um para o outro, foi augmentando com a idade, e um dia chegou em que eu senti pulsar-me no peito o coração com mais violencia. .. E' por que então já eu te amava como hoje te amo! Este amor aceitaste-l'ò Laura, e agora ter segredos para commigo éra matar-me! .. éra convencer-me de que já te não merecia esse interesse que n'um momento te pudéra inspirar.

LAURA. Basta Carlos! .. tu fazes-me mal — que queres que te diga? .. que te amo? escusa-lo seria repeti-lo ... oh! sim amo-te e neste momento mais do que nunca!

CARLOS. (*commovido*) Obrigado Laura; porem diz .. diz-me quanto soffres! Tu bem sabes que sou pobre, que não tenho nada ... mas tenho 23 annos ... e isto basta para remover por meio de um grande esforço uma grande difficuldade!

LAURA. Como és generoso Carlos! .. e como eu sou feliz em poder amar-te! ..

CARLOS. (*desorientado*) Laura ... Laurá, e vias-

me todos os dias e callavas-te! . . Não sabes que eu então trabalharia mais? . .

LAURA. Oh! não não! demais soffres tu! . . e se a maneira por que fallas me diz bem que a desejarias faser . . trabalhar mais do que trabalhas é impossível!

CARLOS. (*abatido*) Desgraçadamente é verdade! (*com força*) Mas esta situação é impossível! . . Se não quereis meu Deos que eu chegue um momento a desesperar da vossa bondade. . .

LAURA. (*interrompendo-o, e segurando-lhe no braço*) Não blasfemes Carlos! . . Deos é justo, e não é delle que nos devemos queixar . . é dos homens!

CARLOS. Tens razão . . eu blasfemava — São os homens, é esta sociedade que abandona ao desespero e á mingua um honrado ancião cuja fronte se tem enrrugado no seu serviço! . . E essa sociedade é a mãe maldita que nega soccorro a seu filho! . . é o assassino escarnecendo com um riso de reprobado das extorções da victima no anear da morte! . . É Satanaz tripudiando sobre o cadaver da sua victima! . . Oh! e por que não cabe sobre essa sociedade um anathema terrivel de maldição?! . . (*pausa para Laura*) Ouve-me Laura . . quando agora vinha para aqui trasia no coração alguma alegria, e quisera faser-l'a sentir . . mas o que acaba de se passar . . e demais que poderia valer essa pouca alegria em face dos teus desgostos? . .

LAURA. Não não . . Carlos! . . olha para mim . . não vês já que ao ouvir-te diser que alguma cousa te alegrava, veio tambem o praser desenhar-se no meu rosto? . . Olha para mim . . Contempla a tua Laura . . a tua querida Laura . . a tua companheira d'infancia . . a mulher que tu amas e que tanto te ama! . . Que vale a tua alegria em face dos meus desgostos? . . Então queres tu Carlos que eu soffra sempre . . sempre . .

CARLOS. (*commovido*) Laura!

LAURA. (*continuando*) Que esse soffrer não cegasse um momento ouvindo as tuas palavras.. gosando da tua satisfação, partilhando da tua alegria?!.. Oh! por quem és.. e por este santo amor que une as nossas almas falla.. falla!..

CARLOS. Pois bem, ouve: o negociante Inglez em caza de quem eu estava empregado partio para Londres ha duas semanas. Por fatalidade n'aquella occasião, o unico modo que se me proporcionou de haver alguns meios, foi aceitar o logar de guarda livres em caza de um agiota. Poucos dias depois conheci toda a malvadez que habilmente se disfarçava debaixo das maneiras cortezãs, que mais não eram que a capa repugnante da mais repugnante hypocrisia! Pesava-me o coração receber dinheiro d'aquelle homem, que temia viesse innundar-me as mãos com as lagrimas das victimas que elle sacrificava á sua avareza e sordidez!.. Mas que havia eu de faser, se outra parte se me não offerencia em que eu pudesse ganhar o meu sustento?.. Então desde o primeiro dia que cheguei a conhecer-lhe a negra malvadez, tractei de procurar aonde pudesse mais desafrontadamente obter os meios de subsistencia. — Como éra possível continuar eu a observar o sem numero de affrontas que eu via áquelle homem faser á miseria e á desgraça?.. Continuar a estar n'uma caza aonde me persuadia ouvir a cada momento os gemidos dos infelizes com enja desgraça elle negociava?!.....

LAURA. Santo Deos!

CARLOS. (*continuando*) Como era possível que eu pudesse por mais tempo ver todos os dias na minha presença um malvado que para cada lagrima do afflicto tem uma gargalhada ou um insulto?.. Não!.. prolongar aquelle serviço éra tornar-me cúmplice dos seus

crimes. . . . dos seus horrorosos crimes! Felizmente hoje já não dependo de semelhante homem — vou para o escriptorio de um outro negociante.

LAURA. Fizeste bem Carlos . . . Quem poderia a sangue frio transpor os degráos dessa escada já talvez bem regados, pelo choro da fome?

CARLOS. E tambem pelo da deshonra! . . .

LAURA. Meu Deos! então o que é um agiota?! . . .

CARLOS. O que é um agiota? . . . Difficilmente se pode responder a essa pergunta . . . por que não ha vocabulos que possam descrever as qualidades de tal homem, tão negras como ellas o são! . . . (pausa) O agiota é o homem que ganha o seu bem estar . . . a sua opulência á custa do desasocego e miseria do necessitado!.. é aquelle para quem, como já disse, um lamento, um arranco de dôr do pobre, vale tão somente um riso estupidamente feroz, ou uma palavra insultante! . . . é aquelle que para ganhar amanhã mais um ceutil, é hoje capaz de insultar e offender a honra do que fôra talvez seu bemfeitor! . . .

LAURA. (á parte) Que monstro!

CARLOS. (continuando) O agiota é aquelle que se um pobre empregado cheio de familia, no momento de deixar cahir nas suas mãos um triste e mesquinho recibo, lhe pede com instancia mais alguns reaes, fazendo-lhe sentir o quadro de penuria que elle vê todos os dias em sua caza (Laura afflige-se cada vez mais) responde com o sangue frio de um carrasco, com a impassibilidade feroz de Judas, que se não quiser morrer de fome, vá empenhar ou vender o que ainda possa possuir de valor!

LAURA. (bastante agitada) Não, Carlos! Isso que acabaste de dizer nem sempre é exacto; por que eu co-

nheço um homem nessas circumstancias mas que é muito bem fazejo.

CARLOS. É impossivel.

LAURA. Ouve . . . quando vem a esta caza (*Carlos agita-se*) dirige-me palavras de consolação, e mostra-se muito meu affeçoado.

CARLOS. (*sobresaltado*) E quem é elle, Laura?

LAURA. É o que troca os recibós á meu pai . . . um homem trigueiro, alto . . . já idoso . . .

CARLOS. (*fóra de si*) Trigueiro . . . alto . . . já idoso . . . O seu nome Laura . . . não sabes o seu nome? . .

LAURA Thimotheo da Silva.

CARLOS. (*com um grito doloroso*) Meu Deos! . . o agiota! . . (*sai precipitadamente pela porta do fundo*).

LAURA. (*um momento depois com voz concentrada*) Que fiz eu!



ACTO SEGUNDO = O AGIOTA.

Uma sala interior — mezas e carteiras altas — objectos de escripturação, livros grandes &c. —
Portas lateraes e ao fundo.

SCENA I.

TIMOTHEO só, *sentado a uma meza escrevendo* —
um momento depois

Doze contos quinientos mil réis. A 5 p^o/_o ao mez, são 60 p^o/_o ao anno . . . 60 . . . (*escreve*) 7:500\$000 rs. É negocio certo, uma boa hypotheca, o rapaz muito doido! . . . (*pausa*) Não seria talvez muito difficil arruinar este D. Frederico . . . (*largando a pennu*) Diabo! . . . esta Eugenia não apparece . . . é quasi uma hora, e eu tenho que ir ao Ministerio da Fazenda . . . oh! se não fossem as mulheres . . . diabolicas creaturas que são capazes de transtornar tudo! . . . Se eu pudesse abafar em mim este desejo que me abrasa! . . . O que terá Eugenia feito com a pequenita? . . . Eu arranjava tudo com uma palavra — éra casar com ella. . . . mas nada . . . nada . . . Casar-me! safá! . . . para ter que aturar toda a minha vida uma pretenciosa . . . exigente . . . namoradeira . . . e carregar com um fardo para que as minhas forças não dão . . . mas se Eugenia me traz uma má noticia. . . (*esfregando a testa*) Ora eu não terei co-

ragem para esquecer a rapariga? .. Porém é impossível que ella resista ... depois de eu ter levado o pai ao extremo de não ter um real ... a pequena ha-de estar afflicta e a vista do ouro seduz ...

SCENA II.

THIMOTHEO, e ANTONIO.

ANTONIO (*na porta do fundo, annunciando*) O Snr. D. Frederico (*sahe*)

SCENA III.

THIMOTHEO e D. FREDERICO.

D. FREDERICO. (*entrando*) Meu caro Thimotheo da Silva, desejo que me dê cinco minutos de attenção.

THIMOTHEO (*risonho*) Estou ás ordens de V. Ex.^a Como vai de saude?

D. FREDERICO. Isso é escusado perguntar. — Não sabe que é impossível eu passar mal? ...

THIMOTHEO. Oh! meu caro Snr. — outro tanto não digo eu...

D. FREDERICO. Não foi por isso que aqui vim. Deixemo-nos de cortezias ... Preciso de dinheiro instantemente ... já ...

THIMOTHEO (*pasmado*) Nós tínhamos concordado em que a entrega do dinheiro seria depois de amanhã.

D. FREDERICO. Não duvido, mas eu quero apenas um insignificante adiantamento — 100 libras. Chegou um meu amigo de Paris que eu muito desejo obsequiar, e quero dar-lhe um jantar esplendido na companhia de mais trinta doidos....

THIMOTHEO. Para V. Ex.^a é que está a vida!
Eu, não tenho duvida nenhuma Snr. D. Frederico em o servir. — Quero que V. Ex.^a se convença de que sou seu amigo

D. FREDERICO. Em quanto eu tiver que hypothecar! O Snr. é como todos os do seu officio — distingue-se delles apenas, em não andar sujo . . .

THIMOTHEO. Snr. D. Frederico V. Ex.^a

D. FREDERICO. Vamos lá que eu tenho pressa

THIMOTHEO. Queira pois V. Ex.^a, passar um recitinho em quanto eu vou buscar-lhe o dinheiro. **Ahi** bem papel, e tinta (*sahe*)

SCENA IV.

D. FREDERICO, só (*sentado a escrever*)

Este mariola rouba-me mais do que os outros, mas ao mesmo tempo serve-me mais depressa. — A cfila de ladrões com quem eu me metti se me não leva o diabo, ficam de grande . . . não haver uma bateria de metralha para os escangaliar a todos . . .

SCENA V.

D. FREDERICO, THIMOTHEO.

THIMOTHEO. (*entrando*) E depois quem lhe havia de adiantar dinheiro . . .

D. FREDERICO. (*levantando-se*) Ah! ouvio-me? . . . tanto melhor, fica sabendo qual é o meu espirito a seu respeito, e dos demais confrades.

THIMOTHEO. Eu já o sabia.

D. FREDERICO. Creio bem — (*dando-lhe o pa,*
Vêja-se está em ordem.

THIMOTHEO (*pegando no papel*) Perfeitamente. (*entrega-lhe um masso de notas*) Eis-aqui, e estou ás ordens de V. Ex.^a

D. FREDERICO. (*recebendo*) Até depois de amanhã. (*sahe*)

THIMOTHEO. Cá estaremos.

SCENA VI.

THIMOTHEO só.

Ès servido a vapor, porque te arruinas a vapor tambem — Mais tarde veremos qual de nós é que levanta a cabeça ... (*batendo com o punho sobre a mesa*) E o demonio da pequena sempre à lembrar-me !.. Mas eu tenho um bom meio de me esquecer della... lanço-me nos bailes, nos soirés, nos theatros. — Hoje á noite já eu tenho baile em casa do Conselheiro Barão da Silva... amanhã... amanhã....

SCENA VII.

EUGENIA E THIMOTHEO.

(EUGENIA (*entrando pelo fundo em grande toilette*))

Ainda o meu caro Commendador não sabe o que lhe ha-de succeder hoje e já falla no dia de amanhã.

THIMOTHEO (*cortejando-a*). Seja V. Ex.^a muito bem vinda minha senhora. Se fenciona ser tão breve nas demais commissões de que a houver de encarregar, queira desde já aceitar a sua demissão.

EUGENIA. (*formalisada*) Isso já eu esperava! nunca vi um homem assim! Você com as suas pressas estava talhado para o serviço de um estafeta — Tem adquirido esse habito pela rapidez com que arruina os que lhe cahem nas unhas?...

THIMOTHEO. Não, mas pela rapidez com que tu me queres arruinar a mim.

EUGENIA. Lá se vê a grande figura que eu faço — Não se envergonha que eu ouça dizer ao passar por uma rua. « Quem é esta?... » E' a amante de fulano. « E a crescer um outro « Miseravel que a deixa andar a pé » — Parece-lhe isto bem pela ridicularia de um caleche?..

THIMOTHEO. Pela ridicularia de um caleche!.. E então não querem lá ver?

EUGENIA. Sim, e repito pela ridicularia de um caleche....

THIMOTHEO (*meigo*) Está bom, terás um caleche conforme a maneira por que houveres executado a tua commissão.

EUGENIA. Então de certo que o tenho (*á parte*) Enganando-o.

THIMOTHEO. (*apressurado*) Já se vê que foste feliz, e que tens dedo para domesticar as virtudes mais teimosas.

EUGENIA. (*fazendo festa a Thimotheo —, ironica*) Se tenho!. . Olhe querido commendador, se me demorei alguma couza mais, foi por ter que entrar em casa para mudar de toilette, e ainda assim vim para aqui de carroagem.

THIMOTHEO. Mudar de toilette, para que?...

EUGENIA. Então queria ver-me de capote e lenço!

THIMOTHEO. E porque não? — Havias de ficar encantadora.

EUGENIA. Mesmo se ao entrar aqui eu exclamasse: « Ora muitos bons dias Sr. Thimotheo.

THIMOTHEO. Ah! ah! ah! que talento!... que talento! Te vales rios de ouro!... Mas com a breca, vamos ao que importa — A pequena acceitou?....

EUGENIA. Qual acceitou, nem meio acceitou.

THIMOTHEO. (*sobresaltado*) Como!

EUGENIA. Ouça se quizer: Aquella beldade mostrou por fim que não diria que não, porem disse-me que seria melhor entender-se directamente com a pessoa de quem eu lhe falava.

THIMOTHEO. O que? pois ella disse...

EUGENIA. O que eu acabo de lhe dizer.

THIMOTHEO. Fallaste-lhe no meu nome?

EUGENIA. Assim fôra eu doida!

THIMOTHEO. Como?

EUGENIA. Pois não sabe que assim lhe resta o campo livre para a dispôr a melhor receber essa declaração da sua propria voz?

THIMOTHEO. Ten's rasão.

EUGENIA. Por mim já eu sabia que o Snr. não sabe amar, porem agora acabo de adquirir a ultima prova.

THIMOTHEO. (*pensando em Laura*) Eu não sei amar Eugenia!... dizes que eu não sei amar!... (*fica pensativo*)

EUGENIA. Nada, o que eu digo, é que quero o caleche. . . .

THIMOTHEO. (*Como distrahido*) Ah! sim o caleche!

EUGENIA. (*sobresaltada*). Que modo é esse senhor!.. a maneira porque falla faz-me desconfiar.. ah! depois de haver conseguido o que desejava...recusasse ao cumprimento de uma promessa... isso é improprio... então? não responde?... sугeitar-me eu ao vergonhoso encargo de seduzir uma joven, (*afagando-o*) Oh! meu amigo.. tu não has-de faltar assim... acaso não adquiri direitos a similhante recompensa?

THIMOTHEO. E eu já te disse que t'ò negava?

EUGENIA. Não!. não dissestes... perdão! porem que te custava teres dito aquellas palavras d'outro modo?

THIMOTHEO. Ou ter-te dado antes o dinheiro. para o comprar?

EUGENIA. Sim... isso era mais breve... mas eu não me atrevia...

SCENA VIII.

Os mesmos, e ANTONIO

ANTONIO. (*na porta do fundo*) Snr. meu amo... (*vendo Eugenia*) Ah! (*vai a retirar-se*).

THIMOTHEO. (*voltando-se*) Que é (*tendo sahido o criado*) Antonio!

ANTONIO. Meu senhor!

THIMOTHEO. (*impetuoso*) Quem te deu licença de vires até aqui?

ANTONIO. Perdão meu senhor, eu não sabia.. porem trouxeram uma carta para V. S.^a

THIMOTHEO. Uma carta?.. Donde vem?!

ANTONIO. Não sei dizer meu senhor.

THIMOTHEO. (*forte*) E porque não perguntaste aharve?

ANTONIO. Veio pelo correio.

THIMOTHEO. Ah! veio pelo correio? Está bem (*pega na carta*) Vai-te e eu hoje não fallo a mais ninguem. (*Antonio sahe*)

SCENA IX.

THIMOTHEO E EUGENIA

THIMOTHEO. (*abrindo a carta*) Ill.^{mo} Sr. Thimottheo da Silva — Minha mãe não vai melhor, as despesas com a

sua doença augmentam (*representando*) De quem será isto? (*lendo a assignatura, exclama*) Laura da Costa?!

EUGENIA. (*em exclamação*) D'ella!... (*vai a querer ver a carta*).

THIMOTHEO (*puchando a carta para si*) Perdão.... sou eu quem leio (*lendo*) « e neste momento não tenho um real para dar amanhã que comer a meu pai. Peço-lhe encarecidamente que me mande algum dinheiro que descontará no fim do mez. Laura da Costa. »

EUGENIA (*contrafeito*) Quere-o mais claro?..

THIMOTHEO. E'exactamente isto que eu não entendo.. Então a que vem esta carta depois do que me disseste?..

EUGENIA. Essa carta veio apenas obrigar-me a dizer toda a verdade.

THIMOTHEO. Toda a verdade....

EUGENIA. Sim, e que eu occultava para lhe cauzar maior surpresa..

THIMOTHEO. (*com ar estúpido*) Queira pois explicar-se que eu não a entendo.

EUGENIA. O meu demasiado desinteresse havia-me levado a occultar-lhe o meu plano de conquista que passo a revellar-lhe, e prepare-se para admirar a minha concepção. Depois de embriagar aquelle tenro coração com o desenho exagerado da vida oppulenta.. quando lhe fiz comprehender qual o modo de conseguir entrar nesse mundo para ella já tão fascinador depois que me ouvira.... perguntei-lhe, se vos conhecia.

THIMOTHEO. Então disseste-lhe o meu nome?

EUGENIA. Ouça.. Ella respondeu-me que sim, acrescentando que vós ercis um homem a quem ella devia muita afeição.

THIMOTHEO. (*aegrandando-se*) Serio?.. ella disse-te isso?

EUGENIA. (*faz-lhe com um dedo signal de silencio*) Vendo-a eu em tão boas intenções, disse-lhe que ercis

vós esse homem que tanto a amava, disse mais o que éreis capaz de fazer por ella, e consegui que ella vos escrevesse essa carta.

THIMOTHEO. Para que ?

EUGENIA. Assim mais depressa ella vos fallaria....

THIMOTHEO. Por que ?

EUGENIA. Por que serieis vós o proprio portador da resposta.

THIMOTHEO. Porem ha pouco admiraste-te ao saber de quem era esta carta.

EUGENIA. Já vos disse que queria encobrir-vos o meu plano — Contentava-me com a certeza da vossa conquista.

THIMOTHEO. És uma mulher admiravel ! Vou eu proprio como muito bem disseste levar-lhe a resposta. Sacrifico hoje todos os meus afazeres a tanta ventura. — Adeos Eugenia, até amanhã (*vai a sair*).

EUGENIA. (*pégando-lhe no braço*) Venha cá senhor.. e eu?... ainda quer que lhe lembre mais uma vez a minha pessoa....

THIMOTHEO. Ah ! sim ! tens razão esquecia-me.

EUGENIA. Creio.

THIMOTHEO. (*chega-se á meza e escreve*)

EUGENIA. (*á parte*) Ganho já o çaleche, e depois a elle que eu perderia se isto tudo não fosse uma farça.

THIMOTHEO. Aqui tens uma ordem de 600 \$ 000 rs. para ser paga á vista pelo meu guarda-livros — chegará?..

EUGENIA. Talvez... é provavel — adeos meu bom amigo — (*ironico*) Desejo que seja feliz — Amanhã nos veremos (*sáhe*).

THIMOTHEO. (*vendo o relógio*) Vou já sem demora (*chega a fechar uma carteira*).

SCENA X.

THIMOTHEO . ANTONIO.

ANTONIO. *(na porta do fundo)* O Senhor não me disse que não queria hoje fallar a ninguem ?

THIMOTHEO. Sim! porque ?

ANTONIO. É que o Snr. Carlos teima em querer falar-lhe a pezar de lhe eu dizer as ordens que tinha.

THIMOTHEO. Estupido!.. Não sabes que elle pode entrar sempre na qualidade de meu guarda-livros?...

(Antonio sahe) Eu mesmo quero levar-lhe o dinheiro...

O pai ha-de estar na Repartição... vamos .. vamos *(sahe pela esquerda)*.

SCENA XI.

CARLOS — só.

(Entrando com precipitação) Nem mais um momento!.. Todas as minhas mais terriveis desconfianças e respeito d'este homem são exactas. Tudo quanto há de abominavel está inveterado n'aquella alma preversa! Resolve-se-me o peito ao entrar nesta caza!.. E foi elle .. elle só que reduzio aquella pobre familia .. um ancião respeitavel, ao estado da mais triste penuria!.. E por que julgára que com a fome alcançaria tudo, deu-lhe a fome .. porque só assim chegaria a um fim terrivel cuja idéa basta só para me despedaçar o coração .. por que só assim poderia lançar a deshonra sobre essa familia já sanctificada pelo martyrio!.. *(com uma custosa satisfação depois de uma curta pausa)* Mas não ha-de ser assim! *(toca uma campainha)* Oh! não .. não ha de ser assim!..

SCENA XII.

CARLOS, ANTONIO.

ANTONIO. Snr. Carlos, chamou? . .

CARLOS. Diz a teu amo que preciso fallar-lhe.

ANTONIO. Elle estava aqui quando o Snr. entrou.

CARLOS. (*arreatado*) Faz o que te digo: (*brando*)
Preciso fallar-lhe.

ANTONIO. Está bom, lá por isso, não seja a duvida
(*á parte saindo*) Manda como se estivesse em sua ca-
za (*sake*).

SCENA XIII.

CARLOS só.

Faltam quatro dias para acabar o mez.. hoje mes-
mo quero despedir-me.. (*com ironia*) Meu agiota,
cuidavas que o teu ouro te serviria para tudo? . . En-
ganas-te! A maior parte das vezes ha um braço occulto
que impede a realisação de um crime quando este cahe
sobre a innocencia! . . Essa filha que é o unico thesou-
so de seu desgraçado pai.. havia este de ver murcha-
rem-lhe na frente as palmas verdes da innocencia e da
pureza?! . . Oh! não.. Laura.. não pode ser! (*o*
agiota apparece na porta por onde saíra, no momento em
que Carlos profere o nome de Laura, que elle ouve. —
O agiota vem vestido para sair, e ao entrar em scena
tendo ouvido as ultimas palavras de Carlos).

SCENA XIV.

CARLOS, THIMOTHEO (*na porta*).

THIMOTHEO. (*á parte*) Que quererá elle dizer? . .

Será ella?... (*alto e chegando-se a Carlos*) o Snr. está doido?...

CARLOS. (*com gesto terrível*) Ah! ainda bem que chegou!... Por que me pergunta se eu estou doido?..

THIMOTHEO. Se acha que é de muito ajuizado vir para minha caza gritar por Lauras, em vês de... O Snr. não me dirá quem é essa Laura?..

CARLOS. Que lh'importa?....

THIMOTHEO (*altivo*) Que ni'importa?... (*branda*) É por que se fosse alguém que eu conheço....

CARLOS. (*altivo*) Que fazia?....

THIMOTHEO. Não sei o que faria.

CARLOS. É muito provavel que se callasse.

THIMOTHEO. Que me callasse!... Que lingoagem, e que tom é esse?... O Snr. não se lembra que é meu empregado, e que está em minha caza?....

CARLOS. (*rancoroso*). Para o que eu quero dizer-lhe, é necessario desligar-nos completamente um do outro.. e para que o Snr. não seja o primeiro a fazê-lo, saiba que desde este momento deixo de ser seu empregado.

THIMOTHEO. Mas que motivos tem o Snr.?

CARLOS. Todos!... além de um muito mais forte!

THIMOTHEO. Não o posso entender.

CARLOS. (*com voz abafada*). Tenho todos os motivos para não querer prolongar um momento mais, as minhas relações com o Snr. ... por que chego a ter remorse de haver entrado nesta caza ...

THIMOTHEO. (*offendido*). Por que Snr.?!...

CARLOS. Por ser a caza de um infame... de um miseravel!..

THIMOTHEO. (*o mesmo*). Insulta-me?!..

CARLOS. O Snr. não pode ser insultado por que não tem honra!.. Sei que depois de me ouvir não se ha-de mover d'ahi... nem chamar por ninguém... porque um

homem da sua qualidade é sempre cobarde!.. Ao ouvir-me ha-de treme por que tem a consciencia dos seus crimes. (*Pega-lhe no braço com violencia*). Quero dizer-lhe essa razão mais forte do que todas, que me obriga a ter-lhe um odio de morte. (*Repelle-o*). Esse nome que ha pouco pronunciei é o da filha de Bernardo da Costa.

THIMOTHEO. (*á parte*) Diabo! era ella!

CARLOS. Então senhor.... chegou a occasião de se callar?!...

THIMOTHEO. Pelo contrario. Mas primeiramente quero perguntar-lhe com que direito vem o Sr. a minha caza pedir-me contas do que lhe não deve importar?..

CARLOS. Eu já tinha previsto que a sua resposta confirmaria as minhas suspeitas — O Sr. confessa que ella lhe importa, dizendo-me que me não deve importar a mim! Oh!... mas mal sabe quanto m'importa!!...

THIMOTHEO. Perdão, mas parece não me ter entendido.....

CARLOS. E é tão infame que a todas as suas perfidas qualidades junta a hypochrisia!.. Mas não cuide que o ouro sempre tem valor.... não sabe que quando se intenta um crime ha quasi sempre um obstaculo desconhecido que o não deixa chegar ao fim.... um braço occulto que se arma em defeza da victima para espedaçar o assassino?

THIMOTHEO. Que quer dizer com isso?

CARLOS. Que esse braço é o meu, e que elle ha-de impedir-lhe que o Sr. torne sequer a ver essa joven...

THIMOTHEO. Visto isso ignora quaes são as minhas intenções..... é preciso ser franco.... eu tenciono cazar com essa menina.

CARLOS. Miseravel!.. e atrevesse a dizer-me tal! essa phrase na sua boca é um sacrilegio!..

THIMOTHEO. (*com impeto*) Que diz Sr. Carlos!..

CARLOS. Que é muito imprudente em me dizer que tenciona ligar-se com essa joven.... unindo assim a malvadez á mais candida innocencia!.. E é o Snr. que possui cofres prenhes de ouro, e que deixa ao desamparo uma familia inteira, esse desventurado pai sem um unico recurso, roubando-lhe de mez em mez a maior parte do seu mesquinho vencimento,... que ainda tem a audacia de dizer o que acaba de proferir?

THIMOTHEO Mas isto é demais. O Snr. julga que eu sou alguma criança que ouça reprehensões?... e alem disso, quem o authorisou a fallar-me de semelhante modo... e quem lhe deu ainda mais, o direito de se constituir o defensor de um extranho?!..

CARLOS. Não é um extranho que eu defendo.

THIMOTHEO. (*com intenção*). Essas palavras querem dizer alguma cousa.

CARLOS. Essa familia, é minha tambem!

THIMOTHEO. Como sua!.. pois o Snr. que nem ao menos conhece seus pais, vem dizer-me que tem familia?

CARLOS. É verdade, não conheço meus pais, porem aquella familia creou-me como filho.... devo-lhe as obrigações de filho; e hei-de cumpri-las! (*com força*). O Snr. d'hoje em diante jamais porá um pé n'aquella casa!

THIMOTHEO. É impossivel!

CARLOS. (*impetuoso*) Impossivel.. por que?

THIMOTHEO. Por que o Snr. Bernardo tem-me lá o dinheiro de um anno adiantado....

CARLOS. Miseravel!.. e não encontra quem possa dar-lhe o verdadeiro castigo a tanta preversidade!.. E para maior afronta vive no meio de uma sociedade sem força, e corrompida a ponto de respeitar-lhe o ouro!.. Mas um dia virá que o imperio da uzura e do roubo ha-de acabar!.. Quer ainda voltar a caza de Bernar-

do?... Engana-se que eu o impedirei de lá ir (*vae a sair.*)

THIMOTHEO. (*á parte.*) Por bem talvez alcance alguma couza (*alto para Carlos.* Olhe Snr. Carlos! (*Carlos pára e volta o rosto*) eu estou disposto a entregar a Bernardo as obrigações que tenho em minha mão relativas ao adiantamento.. com uma só condição.

CARLOS (*na porta.*) Qual!..

THIMOTHEO. Abandonar aquella caza.

CARLOS. (*no mesmo lugar com desprezo.*) De que serviria agora eu arrebatár-me.. mostrar apenas quanto rancor a sua presença me desperta!.. Se não fosse por me degradár, cuspiá-lhe nas faces! (*sáhe.*)

THIMOTHEO. (*depois de olhar um momento para a porta.* Ah! ah! ah!



ACTO TERCEIRO = A SEDUCÇÃO.

A mesma decoração do acto primeiro.



SCENA I.

LAURA só (*Sentada ao pé da meza com a cabeça encostada sobre a mão. — Parece dominada de profundo meditar — levantando a cabeça*)

Não.. não posso crêr que esse homem cuja perversidade Carlos me fez saber, seja o mesmo que tanto bem tem feito a meu pai.. Não pode ser; o Snr. Timotheo não tem a alma perfida d'esse, em caza de quem esteve Carlos. Pois de que nos servem as palavras, senão para expressar-mos o que nós sentimos aqui no coração?.. E quem ha-de ter animo de agravar ainda mais a situação já tão desgraçada de meu pai?.. de meu pobre pai que no seio da adversidade jamais soltou uma palavra que não viesse repassada de resignação?.. Como hei-de eu crêr que aquelle homem sempre tão prompto a dar pelos recibos de meu pai o que de certo nenhum outro daria.. que elle, que tantas vezes me diz « menina Laura este dinheiro que eu lhe entrego, é mais por que me condõe a miseria de seu pai, do que pela esperança de vir a receber o valor d'esses papeis que de

nada servem » como posso crêr que esse homem seja máo!.. Não de certo . algumas vezes tenho perguntado a meu pai, se é exacto que os seus recibos não vallem nada, e elle responde-me « pouco mais do que nada » e se insisto em fallar-lhe neste assumpto pede-me que me calle. Se lhe fallo no Snr. Thimotheo diz-me que é muito bom homem . Como é possível pois que aquellas palavras que Carlos vibrou, como dominado de terror ao sahir d'aqui, fossem dirigidas á elle?.. Oh ! não . não pode ser . Carlos enganou-se — o estado de soffrimento a que ohegára com a narração da nossa desgraça, tinha-o cegado.. e então pareceu-lhe ouvir no nome que eu proferira, o d'esse homem malvado de quem elle tinha acabado de fallar. Não vejo n'aquelle homem — no seu gesto sereno . nas suas maneiras affaveis, e sobre tudo nas suas palavras, o menor indício de malvadez ! *(levanta-se)* Naturalmente não deve tardar muito a resposta da minha carta. Oh ! eu estou certa que não faltará ao meu pedido... Que seria se faltasse ! *vae a sahir pela porta do lado direito da scena, e dá com Bernardo que vem entrando*).

SCENA II.

BERNARDO. LAURA.

LAURA. Meu pai que tem ?.. que vem tão triste ?..

BERNARDO. Tua mãe está muito mal... pobre Maria !..

LAURA. O que !.. pois ella soffre agora mais ? .

BERNARDO *(sentando-se)* Oh ! é incrível como se possa soffrir tanto . . e eu, meu Deos sinto-me emfim desfalecer . . perco toda a coragem . . poucos são já os

dias que me restam de martyrio... sinto que a vida me vai faltando!

LAURA. E sua filha?... (*Bernardo deixa cahir a cabeça sobre as mãos, como cedendo a uma terrivel dôr.*) Não responde.. pobre pai!..

BERNARDO. (*doloroso*). Minha filha.. minha filha.. já pedi a Deos que a protegesse! (*Deixa outra vez cahir a cabeça*).

LAURA. Quanto elle soffre!.. e que amor que lhe eu tenho!.. Deos deve querer-me bem pela maneira por que eu amo a meu pai!..

BERNARDO (*como acordando*). Laura, minha filha tu não sabes o que é a lembrança de que hei de deixar-te só n'este mundo!.. Tua mãe... já não creio que se levante d'aquelle leito senão para baixar a outro aonde dormirá o somno profundo dos mortos.. e como na vida, eu serei debaixo da campa o seu companheiro!...

LAURA. Meu pai para que falla assim?! Se soubesse quanto eu o amo!..

BERNARDO. Oh! Sim, bem o sei (*carinhoso*). Diz-me minha Laura, e alem de mim e de tua mãe, não existe mais niuguem n'este mundo que tu ames?..

LAURA (*vacillando*). Porque me faz essa pergunta meu pai?..

BERNARDO. Vamos, responde-me; eu estou certo que não hesitarás em m'o dizer.

LAURA. De certo que não!.. abaixo de meus pais a ninguém amo mais do que a Carlos!

BERNARDO. E Carlos ama-te muito tambem, que elle já m'o disse.. Pois bem.. quero cazal-os.

LAURA. E não lhe mentio.. Carlos tem-me muito amor, e meu pai terá sem duvida momentos de satisfação em lhe podendo de direito dar a benção como a mim!..

BERNARDO. Dizes bem Laura.. Carlos deve ser meu

filho, que se já o fôra eu não o estimaria mais.. As suas palavras fazem-me bem — Pobre Maria!.. A perda de seu filho foi-lhe fatal! (*levantando-se*). Eu vim para aqui por não poder respirar no quarto de tua mãe.. porem vejo que não posso estar muito tempo longe d'ella — Laura acompanha-me até ao quarto de Maria.

LAURA. Vamos, e Deos queira que a sua companhia a faça soffrer menos.

BERNARDO. O céo se compadeca d'ella! (*sahem*).

SCENA III.

THIMOTHEO SÓ.

(*Entra pela porta do fundo, e põe o chapéu sobre uma cadeira*). Nem viv'alma!.. O silencio de um claustro!.. Bem, esperaremos; (*começa a passear*). Ora o tal Sr. Carlos não me pode esquecer.. sempre é bem atrevido!.. Se não fosse encontrar-me n'um dos bons dias, então elle veria. Havia de experimentar a tempera do meu genio; não lhe deixaria passar em branco os seus insultos. Julga elle que eu tenho um T na testa.. depois d'ella me escrever, e do que Eugenia me disse devia de abandonar esta caza?.. Assim fôra eu tolo. — Agora em quanto ás suas parvas ameaças, que ha-de fazer que ha-de acontecer, não me dá cuidado semelhante couza; eu sou rico, elle é um miseravel, e com isto tenho dito tudo. — Um pobre nunca tem razão! (*olhando em volta de si*). Pelas apparencias está isto quasi deserto.. O pai já foi de certo para a repartição.. tanto melhor — a pobre mãe está de cama, ainda melhor — (*vae fechar a porta do fundo que estava aberta*). Olhem o que seria de minha

caza se lá houvesse esta franqueza! — E logo aqui é que ha-de existir a creatura mais formosa e seductora que é possível encontrar! O mundo tem desigualdades injustas! faz pena que esta linda rapariga seja tão pobre!.. Emfim parece-me que estou condemnado a estar aqui só. — Esperaremos — alguém virá!

SCENA IV.

THIMOTHEO, LAURA.

LAURA. (*entrando pela porta por onde sahira*) Agora lá fica meu pai, e d'alli só sahe á noite. — Meu Deos! e a resposta sem chegar.. Se por acaso o Snr. Thimothéo (*reparando n'elle*) Ah! Snr. Thimothéo!

THIMOTHEO (*levantando-se precipitadamente*) Perdão, se tinha tido a liberdade de me sentar — porem eu não via ninguem menina Laura (*em toda a scena representa com uma desmedida hypochrisia*).

LAURA. Não esperava encontra-lo aqui.

THIMOTHEO. Desejo primeiramente saber se a Snr.^a D. Maria tem experimentado algumas melhoras.

LAURA. Ah! Snr. Thimothéo infelizmente não vai melhor.

THIMOTHEO. Sinto profundamente que assim aconteça; mas paciencia e resignação menina Laura.. um dia virá em que Deos ha-de fazer entrar n'esta çaza a felicidade de que todos aqui são tão merecedores.

LAURA. Oh! sim.. eu tenho essa esperanza.. não de felicidade como o Snr. diz, porem de menos soffrer.. oxalá comtudo que esse mesmo Deos nos não deixe só a esperanza.

THIMOTHEO. O Céu ha-de compadecer-se de tão sancta familia. — A menina Laura tem um pai que a estima do coração. . e uma mãe cuja alegria seria sua filha, se assim tão enferma, lhe não fosse impossivel a ella ter um só momento de alegria! . . A resignação do Sr. Bernardo é a de um homem santo! quantos desares e soffrimentos se não teem descarregado sobre aquella cabeça! . . Assim pudéra eu fazer-lhes todo o bem de que carecem!

LAURA (*á parte*). Este homem não pode ser máo.

THIMOTHEO. E elle continua a melhorar, não é verdade?..

LAURA. Sim Snr. Thimotheo, meu pai.. esse está quasi bom.

THIMOTHEO. Ainda bem .. ainda bem. — O Snr. seu pai não merecia que a sorte lhe fosse tão adversa.

LAURA. A sorte, a maior parte das vezes, é injusta, não é verdade?

THIMOTHEO. É assim. — Agora menina Laura, a razão que me traz aqui, é não me ser possivel, depois de lêr aquella sua carta, deixar de fazer todo o bem que esteja nas minhas mãos .. por que dotado como sou, de um coração compassivo. . . .

LAURA (*interrompendo-o*) Oh!.. sim, e Deos ha-de recompensar-lhe todo o bem que nos tem feito.

THIMOTHEO. Não tenho força para encarar a desgraça, quando d'ella são victimas pessoas que eu estimo, sem sentir um desejo ardente de a suavisar. .

LAURA. Como já por vezes o tem feito (*Thimotheo olha-a com intelligencia*).

THIMOTHEO. E então quiz eu proprio vir dizer-lhe que d'hoje em diante não mais descontarei os recibos do Sr. Bernardo, mas dar-lhe-hei o seu valôr por inteiro.

LAURA. Oh! semelhante acção é digna do Snr. —

obrigada, mil vezes obrigada ; — meu pai ha-de beijar-lhe as mãos.

THIMOTHEO. Eu ignorava quanto a fatalidade tem sido cruel com o Sr Bernardo — sabia que padecia as mesmas privações que hoje padecem em geral todos os empregados; que como o Sr. seu pai, tem um ordenado limitado e tem familia .. mas aquella sua carta veio fazer-me conhecer que as privações são maiores do que eu suppunha.

LAURA. Se não fôra a enfermidade de minha pobre mãe ..

THIMOTHEO. Apenas tive hoje noticia por aquella sua carta, de que se hia agravando mais, e essa é de todas as desgraças a que eu mais lamento .. Custa-me vêr que aquella bôa Sr.^a tão estimavel — tão digna de gosar todas as felicidades d'este mundo esteja padecendo tanto ! Uma das causas de tanto padecer foi sem duvida a perda de seu filho!....

LAURA. É verdade Sr. Thimothéo, minha mãe estimava-o muito !

THIMOTHEO. E que golpe tão profundo, e mais doloroso do que o que deve soffrer uma mãe extremosa com a perda de um filho que lhe era tão querido !

LAURA. Quem suavizou d'algum modo a falta de Roberto foi um segundo Roberto, que não sendo meu irmão, ama meus pais como se fôra seu filho e a mim ambem me ama muito.

THIMOTHEO. (*á parte*) Que ouço ! será isto uma experiencia da parte d'ella ?

LAURA. (*continuando*) Desde pequeno educado em caza de meu pai, porque logo nos seus primeiros dias fôra abandonado por aquelles mesmos, que lhe deram o ser (*o agiota parece muito agitado*) dotado de um coração franco e generoso; e procurando sempre tornar-

se grato para com aquelles que o acolheram, ama-os como filho, e tem-lhes dado provas de que o sabé ser.!

THIMOTHEO. Como se chama elle?

LAURA. Carlos (o agiota mostra desconfiança). Conhece-o?

THIMOTHEO (vacillante). Não, menina Laura, não o conheço.

LAURA. Pois se o conhecesse, estou convencida de que o havia de estimar.

THIMOTHEO. Que duvida que o havia de estimar! Que occupação tem elle?..

LAURA. Era escrevente em caza de um agiota, mas despediu-se d'elle por ser um máo homem.

THIMOTHEO. (á parte) Isto vai tomando uma côr feia — (alto). E disse-lhe o nome desse homem?

LAURA. Não m'o disse.

THIMOTHEO. (á parte mostrando uma bolsa) Vamos aferir o espirito d'estas palavras! — se aceita. (alto). Menina Laura, deixemos os extranhos, e fallemos do que aqui me traz. — Queira aceitar esta bolsa como resposta á cartinha (Laura pega na bolsa). Aceitou!..

LAURA. Oh! Deos o abençõe Snr. Thimotheo, sempre prompto a soccorrer-nos — sempre generoso!

THIMOTHEO (á parte) Avante! (alto). A muita dedicação que lhe tenho, assim como ao Snr. seu pai, julgo que me concede fazer-lhe uma pergunta. Estou convencido que o Snr. Bernardo quer caza-la com esse Snr. Carlos.. ora diga, não é verdade?

LAURA. Ao Snr. Thimotheo não devo encobrir o que meu pai já me revellou — Carlos ama-me muito — todas as suas palavras encontram um ecco no meu coração.. eu tambem o amo. — Carlos disse-o a meu pai, pedio-lhe a minha mão.. e meu pai accedeu ao seu pedido.

THIMOTHEO (*sorrindo ironicamente*). Mas não seria melhor esperar que a fortuna viesse offerecer ao Snr. Carlos uma posição mais lisongeira, para poder depois esperar um futuro mais venturoso?.. Elle é pobre...

LAURA. Mas ama-me muito, e é quanto basta para coroar de felicidade os nossos dias no porvir. — Snr. Thimothéo um amor como o que Carlos me tem não ha outro que o valha!

THIMOTHEO. (*á parte*) A fazer-me crescer agoa na bocca! Fina como um coral! (*alto*). Menina Laura, se se lhe offerecessem os meios de poder dar por suas proprias mãos a seu pai uma vida socegada, com os recursos necessarios para lhe fazerem esquecer todas as torturas que tem soffrido ...

LAURA. Oh! então era a mulher mais feliz d'este mundo! Porem isso é impossivel!

THIMOTHEO. (*á parte*) Vem-se chegando. (*alto*) Pode ser se quizer.

LAURA. Mas como!..

THIMOTHEO. Pois não me intende?

LAURA. Como o hei-de eu entender?..

THIMOTHEO. (*á parte*) Pois ainda não?! (*alto*) Eu tenho em minha caza burras cheias de ouro

LAURA. (*vacillando*) Sim .. tem .. o Snr. Thimothéo tem muito ouro ..

THIMOTHEO. (*á parte*) Até que chegou. (*alto*) Pois é todo seu!

LAURA. Meu Deos! que quer dizer com isso?

THIMOTHEO. Que Carlos é pobre, e eu. (*com gesto terrivel de embriaguez sensual, agarrando nas mãos de Laura* Laura! .. Laura! ..

LAURA (*sem poder desprender-se arremessa para longe a bolsa como se lhe queimasse as mãos, exclamando n'um grito de terror*). Ah!

SCENA V.

THIMOTHEO, CARLOS, LAURA.

(Exactamente na occasião que Laura grita, entra Carlos precipitadamente, e pegando nos pulsos de Thimothéo extorce-o, exclamando com voz imperiosa)

CARLOS. Suspende miseravel! *(gesto indignado)*

THIMOTHEO. *(abaixando a cabeça fechando os punhos de raiva)* Inferno! *(Laura ajoelha, e óra)*

CARLOS. *(para Thimothéo apon tando para Laura)*
Eis alli a mulher que tu querias seduzir — a virgem que tentavas manchar! — Ei-la!.. olha bem para ella... e terás na vida o remorso, e depois da vida o inferno!.. *(impellindo a bolsa com o pé)* Levantai esse dinheiro!.. *(o agiota curva-se, e apanha a bolsa — Carlos com voz imperiosa)* Sahi d'aqui!.. *(o agiota sahe cabisbaixo — Carlos chega ao pé de Laura, e toca-lhe no hombro).*

LAURA. *(como cedendo a uma força magnetica levanta-se, encara Carlos, e como n'um grito de alegria exclama, lançando se-lhe nos braços)* Carlos!

CARLOS. *(segurando Laura pelo braço e como afastando-a a custo de si)* Laura .. é já a segunda vez que abres as mãos ao dinheiro maldito... é já a segunda vez...

LAURA. *(desprendendo os braços põe uma mão na boca de Carlos)* Oh! Carlos .. não digas mais!.. Agora vejo que se eu ficasse com aquelle dinheiro livraria meu pai da fome, mas eu morria!..

ACTO QUARTO — FOME E DESESPERO.

A mesma decoração do acto primeiro.



SCENA I.

BERNARDO E CARLOS.

(Bernardo sentado na cadeira ao pé da meza — Carlos em pé ao lado de Bernardo)

BERNARDO. (*muito abatido*) E por que nos não havias dito Carlos, que estavas empregado em caza desse homem preverso?

CARLOS. Por que Snr. Bernardo? .. Por que tinha receio na ignorancia em que eu estava, de que o conhecia e que julgava bem della, de lhe incorrer em desagrado dizendo-lhe que servia semelhante homem; mas ao mesmo tempo, recusar, éra privar-me dos meios para subsistir.

BERNARDO. Tens razão Carlos, e eu julgava bem della; nunca te fallei desse adiantamento por que escusado éra ir entristecer mais alguem com a revellação de toda a minha desgraça! .. Aquelle homem já desde o primeiro dia que entrou nesta caza deveria ter pensado o crime afrontoso! .. Oh! hoje estou certo de que as-

sim foi! .. Sempre prompto a dar-me o dinheiro que lhe eu pedisse .. éra sempre com um fim premeditado! .. Quando a enfermidade da minha pobre Maria, se agravou mais, vendo-me forçado a fazer maiores despezas, aquelle adiantamento augmentou com uma rapidez espantosa! .. mas elle sempre condescendente, fazia-me persuadir que era bondade e franqueza que o levava a praticar d'aquelle modo .. e hoje só vejo n'elle a malvadez e a perfidia a par da mais hedionda hypochrisia (pausa) Já me não bastava vergar a cabeça debaixo de mil continuados desgostos, éra preciso que a deshonra viesse completar a obra que um monstro accelerára! .. E dizias bem Carlos, éra com a fome que elle procurava alcançar a execução d'aquelle afronta .. E eu havia de encarar a fome, não como uma consequencia, como o ultimo passo andado alem da miseria, mas sim como o instrumento de que um infame lançára mão para me ver morrer como um miseravel, levando no rosto o séllo da ignominia! (pausa) Minha filha .. essa filha que é a minha vida .. Carlos tu salvaste-a! devo-te aquelle thesouro .. Devo-te tudo! .. .

CARLOS. E ella tão ingenua .. tão innocente que não podia persuadir-se que éra elle, esse mesmo de quem ao ouvir o nome eu déra um grito de desesperação! N'aquelle peito não se pode acoirar uma idéa do mal! .. oh! e quanto eu a amo!

BERNARDO. Carlos meu filho — Apraz-me ouvir-te dizer que a amas muito .. isso diz-me que hão-de ser felizes ...

CARLOS. Assim me diz o coração.

BERNARDO. (com dôr) Felizes! .. e eu sou feliz? .. e não tenho uma esposa que sempre me amou? ..

CARLOS. (interrompendo-o) Porem Snr. Bernardo eu não espero jamais entrar n'uma Repartição Publica!

— 29 —
BERNARDO. É verdade, tens razão Carlos.

SCENA II.

BERNARDO, CARLOS, LAURA.

LAURA. (*pela porta do quarto de Maria*) Meu pai quer que o acompanhe até ao quarto de minha mãe?

BERNARDO. Quero sim Laura; mas primeiro desejo que me ouças uma palavra que diz respeito a ti e a Carlos... (*pausa*) Meus filhos, escusado seria querer encubri-lo. — Poucos são já os dias que me restam para viver; desde muito joven começaram os trabalhos e os desgostos a ser o meu pão de todos os dias; e quem o poderia crer?... Os maiores tormentos... as mais penosas privações de toda a minha vida tem sido as que hei soffrido nestes ultimos annos já depois de velho!... E então não admira que este peito já tão gasto, vá a passos rapidos caminhando para o dia em que d'elle se exhale o ultimo suspiro, que virá morrer-me nos labios gelado pelo cutello frio da morte!

LAURA. (*interrompendo-o*) Oh!... meu bom pai não falle assim!

CARLOS. Isso é desesperar do futuro Snr. Bernardo.

BERNARDO. O futuro.. o futuro! — Carlos, nos meus verdes annos, quando eu pretendia descortinar com os olhos d'alma um horisonte de ventura, sahio-me do peito essa palavra = *Futuro!*... mysterio insondavel como o oceano!... palavra fatidica como uma pagina do livro em que estão traçados os destinos do homem! — sonho de esperança alimentado pelas somas brda noite — desmentido pela luz do dia!... *Futuro!* bradava eu então, e bradava de balde, por que homem probo,

me havia já sentado: á meza do orçamento do estado! .. E para esse não ha futuro — para esse ha o trabalho e a miseria — a fadiga e a fome! .. *Futuro!* podes tu dizer que vais como operario construindo de dia em dia a propria estrada que has-de percorrer no caminho da vida? O futuro para ti Carlos, que para mim não mais é que uma sentença nua e descarnada como um cadaver, — fria e muda como a lousa do sepulchro! (*pausa*) Eia pois minha Laura (*pega-lhe na mão*) É necessário que não fiques só neste mundo .. Carlos ama-te .. e tu tambem o amas (*pega na mão de Carlos*) dá a Carlos a tua mão, — a Carlos que d'hoje em diante é tambem meu filho.

LAURA. Carlos! .. meu esposo! .. oh! em meu pai nos vendo felizes ha-de tambem ser feliz!

CARLOS. (*commovido*) Laura! .. Meu pai! ..

BERNARDO. (*levantando-se* — *Carlos e Laura ajoelham*) Meu Deos! como eu os abenço cá na terra, abençoe-os vós lá do céu! .. Carlos meu filho, e tu Laura em breve receberão aos pés do altar a benção que agora implorei de Deos! (*senta-se*)

SCENA III.

BERNARDO, CARLOS, LAURA, ANTONIO.

ANTONIO. (*entrando*) O Snr. Bernardo está em ca-za? .. (*Bernardo não ouve*)

CARLOS. (*vendo-o*) O criado do agiota! .. (*para Antonio*) Que lhe queres?

ANTONIO. Entregar-lhe esta carta da parte de meu amo.

CARLOS. (*pegando na carta*) Está bom — vai-te. (*Antonio sahe*)

SCENA IV.

BERNARDO, CARLOS, LAURA.

CARLOS. (*á parte*) Não sei o que me diz o coração! .. mas que hei-de fazer senão entregar-lha! (*para Bernardo*) Meu pai aqui tem esta carta.

BERNARDO. (*voltando o rosto*) O que é?....

CARLOS. Uma carta que trouxeram agora.

BERNARDO. (*recebendo a carta fitando o sobrescripto — sobresaltado*) A letra é do agiota!!....

CARLOS. (*á custo*) Foi o seu proprio criado que a trouxe.

LAURA. (*á parte*) Meu Deos!

BERNARDO. (*abrindo a carta com receio*) Que nova desgraça accaíretará comigo este homem?! .. (*lé — á proporção que lé transtornão-se lhe as feições — com muita dôr, estendendo a carta a Carlos*) Santo Deos! piedade! (*cahe sobre a cadeira e cobre o rosto com as mãos*).

LAURA. (*cahindo aos pés do pai*) Piedade .. piedade meu Deos para meu pai! (*cahe com a cabeça no oóllo do pai*).

CARLOS. (*á parte — grande transtorno no parecer — lendo com voz fraca*) «Snr. Bernardo. Não posso por modo nenhum continuar a dar-lhe dinheiro attento o grande adiantamento em que se acha. Thimotheo da Silva» — (*declamando com desespero*) Oh! aquelle monstre jurou aniquillar esta pobre familia! .. Com semelhante barbaridade rouba ao desgraçado pai os seus quasi unicos recursos! ... antes a morte meu Deos que a continuação de tanta desgraça! (*para Bernardo*) Meu pai, este homem completou a sua obra! .. Mas eu sei de alguém que se ha-de compadecer da sua sorte; irei

ter com o meu novo patrão, lançar-me-hei a seus pés, pedir-lhe-hei de joelhos a sua protecção....

BERNARDO. (*levantando-se*) Não Carlos... não quero que tu vás... sou eu que hei-de ir... não procurar um determinado homem para lhe pedir que me socorra, mas para o meio da rua... para uma praça publica implorar uma esmola ao primeiro que passar... (*enfraquecendo*)... a todos!... (*cahe sem forças sobre a cadeira*).

CARLOS Que quadro meu Deos!... o ancião e a virgem resignados no auge da miseria, com os olhos fitos no céu, deixam rolar pelas faces o choro do martyrio, e a sociedade ri-se!... E eu, mancebo que lhes devo o pão do engeitado, que lhes bebi no coração, que lhes estudei na vida a moral e a honra, farei parte desse quadro por não poder dar um passo!... Hei-de ouvir-lhes o chorar d'angustia sepultado entre quatro paredes, e escarnecido pela sociedade — esse demonjo implacavel d'indifferença e desprezo!... morrerei aqui tambem quando vir que o espirito abandonou a creatura, e que só resta a materia em cadaver, como documento eloquente e affrontado de tão barbaro abandono! Oh! E não hei-de ter um braço de ferro com que imprima o stygma sobre essa parte da sociedade que em throno d'ouro desenrolou aos olhos do mundo o seu pendão de materialismo, corrupção e orgia, virando as costas ao desgraçado a quem gritou na face « soffre e resigna-te em quanto que eu exulto — chora em quanto eu rio — abaixa a frente em quanto eu levanto a cabeça — diz-me que tens fome para que eu te possa negar as migalhas do meu banquete — morre de fome e desesperação e serás meu igual, porque a desesperação traz a blasfemia, e blasfemarás nos paroxismos da morte esfaimado, como eu blasfemo na embriaguez da vida opulenta!..

(*Para o pai — grande alteração nas feições*). Teria força, desconheceria as amarguras da miseria se quizesse a deshonra, ter-se-hia elevado se fôra infame e servil, seria rico se vendesse a filha . . Não ? soffre ! . . morrerá ignorado, braço a braço com os horrores da fome, mas sempre probo e virtuoso !

LAURA (*pegando nos braços do pai*). Meu pai . . meu pai . . olhe para mim . . para sua filha . . sou eu . . sou Laura (*Bernardo deixa cair a cabeça sobre o peito, como quem não sabe o que se passa em torno si. Laura e Carlos olham afflictos para elle*).

LAURA. (*levantando-se e correndo para Carlos*) Carlos dissestes ha pouco que irias implorar a clemencia do teu novo patrão ? pois bem não irás só ! Poderia o céo corôar os teus rogos ? quem sabe ? aos de uma filha porém que traz em cada lagrima um gemido de seu pai moribundo, em cada palavra uma supplica de martyr, quem não dará ouvidos ? A essa quem voltará o rosto impassivo ? ! . . (*apontando para Bernardo*). Olha-o Carlos . . .

BERNARDO (*com voz fraca*). Minha filha . . minha filha ! . .

LAURA (*cahindo de joelhos aos pés do pai*) Meu pai ! . .

CARLOS. Providencia ! como acalmarás tu este mar d'angustias ? . Que pode haver de mais na vida alem de tanto soffrer ? ! . .

SCENA V.

BERNARDO, LAURA, CARLOS, ROBERTO.

ROBERTO (*bastante mudado, a barba crescida, a téz queimada — na porta do fundo que estava aberta*).

A riqueza por minhas mãos, e a ventura pela vontade de Deus! (*avança para a scena*).

CARLOS. (*fitando-o sobresaltado*) Esta voz!..

LAURA (*levantando-se precipitadamente*) Roberto!..
meu irmão!..



ACTO QUINTO = A PROVIDENCIA.

ÉPILOGO — 4 MESES DEPOIS.

Um quarto interior mobilado com luxo e conforto — Thimotheo está sentado n'uma *voltairienne* em convalescença de uma grave molestia — abatido, magro e envelhecido — Dorme. — Junto d'elle está Eugenia ricamente vestida.

SCENA I.

THIMOTHEO, EUGENIA.

EUGENIA. (*tem a mão esquerda sobre o botão da camiza de Thimotheo, olhando em torno de si*) Da primeira caza já consegui tira-lo .. se eu pudesse...

THIMOTHEO. (*acordando*) Oh! meu Deos! .. que dores estas! .. (*Eugenia recua um passo, e sobresalta-se — Thimotheo vendo-a*) Pois ainda estaes aqui .. não vos havia dito que me deixasseis só? ...

EUGENIA. Que desprezo pela mulher que outr'ora tanto apreciaveis! .. por mim que fui escrava das vossas vontades, dos vossos caprichos...

THIMOTHEO. (*com gesto de desespero*) Mentís! ...

EUGENIA. Minto?! ...

THIMOTHEO. Sim, mentís! Do meu dinheiro é que foste, não escrava mas sorvedouro!

EUGENIA. Senhor!

THIMOTHEO. (*com aceno de mão*) Basta — nem mais palavra. — Não me direis a que vem esse orgulho que ostentaes offendido? .. que quer dizer esse tom em que fallaes?... Ide-vos embóra .. deixai-me — a vossa companhia faz-me mal .. Oh! em quanto me não deixardes não poderei esquecer essa negra nuvem que me roça pela fronte com todo o pêsdo do remorso!. Mas para que vindes aqui? .. dizei .. o que tendes aqui que fazer? .. Não posso .. não quero ver-vos!

EUGENIA. Talvez por que vos recorde os horrores de que fui o vosso braço direito .. Não sòmos pois consolidarios? .. ainda ousaes repellir-me? .. ou procedem esses modos de não ter eu sido tão feliz ao pé de Laura, como o fôra junto de outras?

THIMOTHEO. Callae-vos mulher! .. Deos seja louvado porque uma vez ao menos não conseguiste vencer.. Oh! ainda bem .. ainda bem! .. tenho horror a mim mesmo quando me lembro .. (*cobre o rosto com as mãos — logo depois toca uma campainha*).

SCENA II.

Os mesmos, ANTONIO.

ANTONIO. Chamou meu senhor?

THIMOTHEO. Acompanha esta senhora (*para Eugenia com firmeza*) Minha senhora queira deixar-me só (*gesto de Eugenia*) o meu criado vai acompanhá-la.

EUGENIA. (*á parte — com raiva abafada*) Perdida a ultima esperanza! .. (*menos forte*) Paciencia! .. (*sor-rindo*) Uma criada de V. Ex.^ª .. (*sahe e Antonio*)

SCENA III.

THIMOTHEO : só.

(*Depois de uma curta pausa — como horrorizado*)
Oh! o passado!.. o passado!.. Foi-me mais facil corromper com o ouro a cortezã dos palacios que a pobre do alvergue!.. Maldição sobre esse ouro que tem sempre acelerado a fome em vez de a minorar!.. (*olhando para um jornal politico que está sobre a meza*) Que vejo!.. (*sobresaltado, e apontando as palavras*) « É assim o ouro do agiota » (*declamando*) Quem poz aqui este papel maldito?.. Esas poucas palavras parecem resumir uma sentença!.. (*transtorno nas feições*) Quanto eu soffro!.. que horriveis são estas dores!.. E este padecer ha mais de tres mezes!.. (*toca uma campainha*)

SCENA IV.

THIMOTHEO , ANTONIO.

ANTONIO. (*junto de Thimotheo*) V. Ex.^a chamou?..

THIMOTHEO. O Doutor Sergio ainda não veio?..

ANTONIO. Não meu senhor, mas não pode tardar — são quasi onze horas....

THIMOTHEO. Apenas elle chegar, conduz-lo para aqui.

ANTONIO. Sim meu senhor.

THIMOTHEO. Está bem (*faz-lhe um acêno para sahir — Antonio vai a sahir*) Olha! (*Antonio volta*) Já sahio a senhora que estava aqui?....

ANTONIO. Sim meu senhor.

THIMOTHEO. Se ella voltar, não quero que a deixem entrar — dá a todos esta ordem — ouviste?....

ANTONIO. Muito bem, meu senhor.

THIMOTHEO. Mais nada. (*Antonio sahe*)

SCENA V.

THIMOTHEO só.

Quando acabará este martyrio? .. Daria metade da minha fortuna por que elle acabasse. (*pausa*) De que me serve tanto ouro? .. Meu Deos! .. que eu mesmo tenho medo de ouvir as minhas palavras! .. Todo esse ouro levou annos e annos a amontoar! .. mas pela estrada que eu trilhei .. quantas victimas! .. quantas lagrimas! .. quanto desespero! .. Está amaldiçoado esse ouro! .. para os outros teem-lhe acelerado a miseria e cavado a sepultura .. e para mim?! .. Por ventura tem elle podido levantar-me d'aqui? .. arrancar-me estas dores? .. Que importa o ser rico senão posso nada! .. Se nem um só desses que me rodeavam quer saber de mim!! .. Parece que elles todos desejam a minha morte! .. (*lamentoso*) Rico e desprezado! .. Quem sabe mesmo se esse medico .. oh! não .. o Doutor Sergio .. não manchava assim o seu nome, e a sua sciencia! .. não! .. que bem diligencias tem elle feito para me chamar a todo o vigor da vida! .. E poderá elle consegui-lo! (*pausa*) Que febre! .. que delirio este que me assalta a cabeça! .. Por que hei-de eu agora a um só tempo ver diante de mim quanto quadro pungente tenho contemplado! .. Escutar n'um só lamento, os lamentos de milhares de filhas, de mãis e de esposas! .. (*apertando a cabeça*) Meu Deos.. fazei-me esquecer o passado! .. (*neste momento entrará o Dr. Sergio que tem ouvido as ultimas palavras*).

SENA VI.

THIMOTHEO : O DOUTOR.

O DR. Será difficil, mas é possível.

THIMOTHEO. Quem me falla? .. Ah! sois vós Doutor? ..

DR. Então a sêde do ouro fazia-vos zombar das torpezas de cada dia .. (*tirando o relógio, pegando no pulso do enfermo e flectando-o*) hoje porém o remorso vem desenrolar aos vossos olhos todo o negro passado que tanto quereis esquecer. . . .

THIMOTHEO. O voso fallar é terrivel Dr.

DR. É apenas a verdade quanto disse.

THIMOTHEO. Oh! que eu soffro muito.

DR. Soffreis mais no espirito que no corpo . . . mas posso curar-vos e hei-de curar-vos. Não sabeis que são bem mais difficeis de curar os enfermos desesperados pelo pézo de consciencia, do que os que esperam com o coração aberto a vontade de Deos? ..

THIMOTHEO. Porém as vossas palavras mais me fazem soffrer!

DR. Que importa se eu sei que esse soffrer vos desperta. . . .

THIMOTHEO. O remorso .. sim, que eu bem o sinto.

DR. E o remorso traz consigo. . . .

THIMOTHEO. O arrependimento? ..

DR. Que socaga e acalma as revoluções d'espirito. — Pelo vosso fallar conheço eu que ellas hão-de acalmar em vós. — A enfermidade fisica não vos dê cuidado — Essa já cedeu aos exforços da sciencia. Dizei agora que as minhas palavras vos fazem soffrer. . . .

THIMOTHEO. Oh! não.. não.. tendes rasão Dr. ellas consolam-me e agora sinto que terei força para vos revel-

lar o meu maior crime, o que mais me aperta o coração.. e vós me direis depois se para elle haverá um lenitivo...

DR. Para todas as tempestades ha uma bonança.. esta porém vem mais ou menos tardia.

THIMOTHEO. Sim, sim Doutor.

DR. (*puchando uma cadeira e sentando-se*) Fallae pois que vos escuto.

THIMOTHEO. Meu amigo .. se a morte o não arrebatou já para o seu imperio, vive entre os homens um que é meu filho .. Oh! que esta lembrança me espedaça o peito! .. Esse filho....

DR. Abandonaste-lo....

THIMOTHEO. Fui um miseravel!

DR. Mas sua mãe....

THIMOTHEO. É uma historia horrorosa! ... para mim não ha perdão!

DR. (*á parte*) O remorso é um padecer infernal!

THIMOTHEO. Ouvi-me Dr. (*com esforço*) A mãe morreu no momento de dar á luz seu filho .. e eu (*cal-la-se*).

DR. E vós....

THIMOTHEO. (*com mais esforço*) E eu despresei-os a ambos — a mãe que acabava de morrer .. e o filho que começava a existir! (*em exclamação*) Perdão .. perdão meu Deos!

DR. (*á parte*) Uma grande enfermidade faz de um um homem máo e avaro, um homem bom e generoso.. Parece que a sua alma se purifica um pouco com a aproximação momentanea da outra vida. ..

SCENA VII.

Os mesmos — ANTONIO ao fundo.

ANTONIO. (*annunciando*) O Snr. Carlos da Costa
(*Carlos aparece e Antonio sahe*).

SCENA VIII.

Os mesmos e CARLOS.

THIMOTHEO. (*levantando-se*) Carlos! .. Carlos! ..
que me quer? .. que vem fazer a minha caza? ..

CARLOS. (*avançando*) Cumprir uma promessa terrível que vos não haverá esquecido. . . .

THIMOTHEO. (*cahindo na cadeira com voz fraca*)
Tem razão!

DR. (*para Carlos*) Perdão Snr. não tenho a honra de conhecer-vos, mas previno-vos que tendes alí um enfermo convalescente.

CARLOS. O que em nada altera n'elle o homem infame . . .

DR. Mas attendei. . . .

CARLOS. (*continuando*) Ouvi senhor . . . tambem eu vos não conheço .. não posso pois informar-vos do motivo que aqui me conduz.

DR. Sou o seu medico, e. . . .

CARLOS. (*interrompendo-o*) E fazeis talvez por lhe restituir a saude . . .

DR. Assim o espero.

CARLOS. Fazeis mal, porque estava na vossa mão, não mata-lo, mas deixa-lo morrer.

DR. Senhor! . . .

CARLOS. Dai-me licença que o repita. . .

DR. Faço o dever que me impõe a moral e a humanidade.

CARLOS. Tudo isso é muito bom — Porém se pudesseis ler no meu coração, me comprehenderieis melhor (*para Thimotheo*) O que tenho a dizer-lhe, Snr. não deve passar d'entre nós.

THIMOTHEO, (*com voz fraca*) Podeis fallar na presença do Dr. Sergio que não é um extranho na sua qualidade de meu medico e meu amigo.

CARLOS. (*para o Dr.*) Não refutaes aquella palavra? ..

DR. Pelo contrario acceito-a.

CARLOS. (*com intenção*) Tendes por tanto alguma filha bella.. formosa ..

DR. (*offendido*) É demais! .. Que quer dizer nisso, Senhor?

CARLOS. Que o halito d'aquelle homem corrompe; que o seu ouro deshõra e mancha as mãos por onde passa, que o seu contacto é como o da vibora que empeçonha e mata, e que vós só por que estaes illudido lhe acceitaes o nome de amigo. Não sabeis, Snr. que promessa terrivel eu venho hoje cumprir aqui?... Sabê-lo-heis em breve.. ou antes preseneaa-lo-heis! Hei-de cuspir nas faces a esse homem.. embora elle esteja enfermo! (*gesto do Doutor*) É uma cobardia direis vós.. e que o fosse?... que importa o ser cobarde para oom aquelle que nós queremos degradar até ao mais asqueroso reptil com a mais baixa das affrontas?! .. (*pausa*) Havia neste mundo um pai decrepito e caduco, cujo maior thesouro era uma filha...

THIMOTHEO. (*interrompendo-o supplicante*) Basta..

CARLOS (*continuando*) Essa joven ao par que era a filha mais affectuosa, mais dedicada, era tambem o ente mais puro e virginal que é possivel conceber-se..

Dir-se-hia um anjo descido dos céos, para abrandar a angustia suprema d'um aneião martyrisado!.. Além de seu pai, mas alguém havia que ella amava de todo o seu coração, completando assim o seu horisonte de esperança e amôr. — Quereis saber o que succedeu a esse pai?.. Reduziram-n'o á fome, e á indigencia.. e para que?.. para poderem mais facilmente mercadejar-lhe a filha!.. E quereis saber quem é esse monstro que pertendia cevar a sua brutal luxuria no sangue puro dessa virgem? (*olha para Thimotheo: este sobressalta-se — um momento depois*) Ei-lo!.. (*gesto do Dr.*)

THIMOTHEO. (*implorando*) Basta Sr.. basta!..

CARLOS. Quereis agora conhecer o homem que possuia o coração dessa joven, e a quem ella tanto queria?.. Esse homem sou eu! Já vê, Sr., que me sobejam os motivos para pedir contas a esse miseravel.. Fui eu que impedi a execução da affronta, serei eu o punidor. (*para Thimotheo*) Mas primeiro escutai-me.. Hoje tudo mudou de face.. Aquelles que destinavas para augmentarem o numero das tuas victimas, e cujos nomes havias escripto com traços de sangue no teu livro negro, são hoje felizes!

THIMOTHEO. (*ú parte, com muita alegria*) É possível!.. (*o Dr. observa Thimotheo*)

CARLOS. (*continuando*) Esse filho que Bernardo julgava morto voltou aos braços de seus pais, mas voltou rico. — Essa virtuosa senhora, a mãe de Roberto, de dia para dia experimenta sensiveis melhoras, e em pouco tempo terá readquerido a sua perfeita saude (*Thimotheo: anima-se cada vez mais*) Laura, essa joven que tu pertendias desgraçar é hoje minha esposa (*gesto de Thom.*) amá-me muito e faz todo o prazer dos meus dias! Emfim essa familia d'onde outr'ora sabiam só la-

mentos que vós causaveis, hoje respira satisfação e jubilo! (*parece meditar*)

DR. (*á parte*) Elle parece alegrar-se.. a felicidade d'outrem consola-o! Foram corôados os meus esforços mais cêdo que eu esperava.

CARLOS. (*continuando*) Alegra-te porém coração mesquinho e torpe, que não serei eu tão vil que desça a cumprir uma sentença que mais me mancharia a mim proprio. Bastante terá sido essa enfermidade, que mais não é que um castigo do céu em que aprendeste que no caminho do tumulto tanto pode o rico como o pobre.

THIMOTHEO. (*á parte*) Meu Deos!.. vós bem m'ò deixaes ver...

CARLOS. (*pegando no chapéo*) E emfim para que não julgueis o que já uma vez disseste, que aquelle que devêra agora punir-vos não tem um logar na sociedade.. lembrai-vos que Bernardo é meu pai, e sua esposa minha mãe.. que já tenho uma familia!.. ainda mais.. se fiz ha pouco annunciar-me com o meu antigo e supposto nome de Carlos, foi só para que me conhecesseis. Eu chamo-me Eduardo...

THIMOTHEO. (*em grande sobresalto*) Eduardo!!.. (*fica como fulminado*)

DR. (*para Carlos*) Fallae depressa Senhor.

CARLOS. (*pasmado do que vê — um pouco sobresaltado*) Sim Eduardo. Uma fita vermelha que me lançaram no pescoço me revella esse nome, e que o dia 4 de Novembro de 1827, vio no meu nascimento o fructo de um crime (*o Dr. não tira os olhos de Thimothéo*).

THIMOTHEO. (*como desorientado*) 4 de Novembro de 1827!.. Eduardo! (*cahe de joelhos — Carlos põe o chapéo sobre a cadeira e aproxima-se*) Meu Deos eu vos agradeço do fundo d'alma o vosso generoso per-

dão!.. Aquelle que devêra ser o meu punidôr é o meu filho!..

DR. Perdoado!...

CARLOS. Como Dr. que dizeis?!...

DR. Que Deos não restitue um bom filho a um máo pae. Sabeis o que vos resta fazer?..

CARLOS. (*a custo, e a vóz surda*) Sei!.. esquecer!

FIN.

Typ. de Salles — Calçada de St.^a Anna n.º 158.



